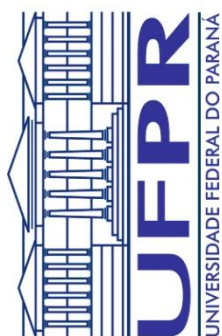


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

GABRIELA CARDOSO MACHADO

**O PARQUE BACACHERI E SEUS ARRANJOS SOCIAIS: A
RELAÇÃO ENTRE O LAZER E O USO DA MACONHA**



CURITIBA

2016

GABRIELA CARDOSO MACHADO

**O PARQUE BACACHERI E SEUS ARRANJOS SOCIAIS: A
RELAÇÃO ENTRE O LAZER E O USO DA MACONHA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Física do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a Dr^a Simone Rechia

CURITIBA

2016

Universidade Federal do Paraná
Sistema de Bibliotecas

Machado, Gabriela Cardoso

O Parque Bacacheri e seus arranjos sociais : a relação entre o lazer e o uso da maconha. / Gabriela Cardoso Machado. – Curitiba, 2016.
116 f.: il. ; 30cm.

Orientador: Simone Rechia

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

1. Lazer 2. Parques 3. Maconha I. Título II. Rechia, Simone III. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

CDD (20. ed.) 790.1



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Ciências Biológicas
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



TERMO DE APROVAÇÃO

GABRIELA CARDOSO MACHADO

“O Parque Bacacheri e seus arranjos sociais: a relação entre o lazer e o uso da maconha”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física, Área de Concentração Exercício e Esporte, Linha de Pesquisa de Esporte, Lazer e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:

Professora Doutora Simone Rechia
Presidente/Orientadora

Professor Doutor André Mendes Capraro
Membro Interno

Professor Doutor Marco Paulo Stigger
Membro Externo

Curitiba, 25 de Fevereiro de 2016.

DEDICATÓRIA



Dedico este trabalho a todos que buscam fazer do conhecimento uma porta para novas discussões emergentes do mundo, as quais possam ser úteis para compreender os anseios da sociedade, fortalecendo os sujeitos para reivindicar suas demandas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelas pessoas que Ele colocou ao meu redor durante toda minha graduação e pós-graduação, que me ajudaram de alguma forma a concluir meus anseios acadêmicos.

Agradeço a minha família (Fê, Gui, Mari, Math, Mô, Tysbi e Godo), que sempre estão ao meu lado, me apoiando e colaborando sempre para o meu crescimento pessoal e profissional.

Em especial a minha mãe Rosângela pela força nas horas mais difíceis, pelos conselhos e por todo o respaldo financeiro e emocional.

À minha avó Maria pelas orações diárias de proteção e pelo apoio exemplar que exerce como anfitriã da família, me ensinando a viver na bondade de Deus, com amor ao próximo e paciência em todas as fases da vida.

À Mimi companheira e parceira de todas as horas, obrigada por emprestar o computador na hora que mais precisei e por estar presente nos momentos mais especiais. Juntamente com o Bóris o nosso cãopanheiro que com um simples olhar, depois de um dia cansativo nos faz pensar que a vida vai muito além do que a gente pensa.

Às minhas amigas Daniella, Emília, Aline e Luíze e ao grande amigo Felipe pela parceria e pela amizade verdadeira, por todos os *feedback* positivos que contribuíram para o meu aprimoramento acadêmico e profissional.

À minha orientadora e mãe intelectual Simone Rechia, pelos conselhos que me ajudaram a crescer principalmente como pessoa preocupada com as questões sociais e humanas da sociedade.

Ao timão do GEPEC (da Pós, do PET, do Licenciado, da I.C.) por todos os ensinamentos de grupo e de vida.

Agradeço pela disponibilidade de todos que contribuíram para a concretização desse trabalho.

Aos professores da banca André Capraro e Marco Stigger pelas contribuições desde a qualificação que me encorajaram cada dia mais a concluir esse trabalho.

Agradeço também ao Rodrigo Waki, secretário da pós-graduação por toda paciência e ajuda de sempre.

Por fim agradeço a todos os cidadãos brasileiros que pagam seus impostos e diretamente contribuem para o fomento da pesquisa acadêmica através das bolsas de estudos que recebemos dos órgãos federais. A todos vocês meu sincero muito obrigada.

EPÍGRAFE

Todo sujeito é livre para conjugar o verbo que quiser. Todo verbo é livre para ser direto ou indireto. Nenhum predicado será prejudicado, nem tampouco a frase, nem a crase, nem a vírgula e ponto final. Afinal, a má gramática da vida nos põe entre pausas, entre vírgulas, e estar entre vírgulas pode ser apostrofo e eu apostrofo o oposto que vou cativar a todos sendo apenas um sujeito simples, um sujeito e sua visão. Sua pressa e sua prece. Que enxerguemos o fato de termos acessórios para a nossa oração, adjuntos ou separados, nominais ou não, façamos parte do contexto. Sejam todas as capas de edição especial, mas, porém, contudo, todavia, não obstante, sejam também a contracapa. Porque ser a capa e ser contracapa é a beleza da contradição. É negar a si mesmo. E negar-se a si mesmo é muitas vezes encontrar-se com Deus. Com o teu Deus. Sem horas e sem dores, que nesse momento em que cada um se encontra agora, um possa se encontrar no outro e o outro no um. Até por que tem horas que a gente se pergunta... Porque é que não se junta tudo numa coisa só?

(Magramática - O Teatro Mágico)

**"A vida é uma pedra de amolar, desgasta-nos ou
afia-nos conforme o metal de que somos feitos"
(George Bernard Shaw).**

RESUMO

Esta pesquisa buscou compreender os arranjos sociais e as tensões inerentes no uso de um parque público da cidade de Curitiba. O trabalho teve como objetivo identificar quais as possíveis influências que práticas como especialmente o uso da maconha, podem alterar a rotina de atividades do Parque Bacacheri, quando se trata da apropriação de seus espaços de lazer. A pesquisa teve sustentação teórica a partir dos temas sobre a maconha; a teoria do lazer anormal e o conceito de lazer desviante. Como suporte, nos valem das contribuições de autores da área da Psicologia, Sociologia e Educação Física. Tratamos de definir nesse trabalho, os conceitos de cidade, lazer, espaço público e comportamento desviantes, assim como lazer anormal. O marco metodológico foi sob a perspectiva de uma abordagem qualitativa, com registro de observações sistemáticas em diário de campo e entrevistas semiestruturadas com os frequentadores assíduos do parque, para isso foram criadas as seguintes categorias de análise: o Parque Bacacheri e o fenômeno do lazer; os arranjos do parque em dia de semana: um equilíbrio; os (des)arranjos dos finais de semana no parque: uma tensão; o acordo silencioso que expulsa. Os participantes incluídos para as entrevistas nessa pesquisa foram de forma voluntária, e como condição para tanto, deveriam ser frequentadores do Parque Bacacheri, maiores de idade, com assiduidade igual ou superior a duas vezes por semana no parque. Pudemos constatar que a população entrevistada, moradora do entorno e que frequenta o parque, em sua grande maioria se incomoda com o fato de presenciar e conviver com adeptos do uso da maconha nos espaços do parque. Os mesmos afirmaram não frequentar mais o parque aos finais de semana, principalmente aos domingos, por fatores como a superlotação do parque e a diminuição da percepção de segurança. Por outro lado, os adeptos do uso da maconha que foram entrevistados relataram que se sentem no direito de se apropriar dos espaços públicos da cidade, incluindo o parque Bacacheri. Dizem escolher esses espaços para fumar maconha, pois almejam o contato com a natureza e com a beleza do lugar, como também se sentem mais seguros nesses espaços. E acreditam ainda que o fato do uso da maconha em espaços públicos, já está sendo mais tolerado pela população em geral.

Palavras-chave: Lazer Anormal, Cidade, Espaço Público, Maconha.

ABSTRACT

This research intended to understand the social arrangements and the inherent tensions in the use of a public park in the city of Curitiba. The study aimed to identify possible influences practices as especially marijuana use, may change the routine activities of the Bacacheri Park, when it comes to the ownership of its leisure facilities. The research have had theoretical support from the themes of marijuana; the theory of abnormal leisure and the concept of deviant leisure. As support, we benefit from the authors' contributions in the area of Psychology, Sociology and Physical Education. We approach in this work, the concepts of city, leisure, public space and deviant behavior, as well as abnormal leisure. The methodological framework was from the perspective of a qualitative approach, with record systematic observations in a field diary and semi-structured interviews with regular users of the park, for this the following analytical categories were created: the Bacacheri Park and the leisure phenomenon; the park arrangements on weekdays: a balance; the (dis) arrangements of weekends in the park: a tension; the unspoken agreement that expels. The people included in the interviews for this survey were voluntarily, and as a condition to do so, they should be Bacacheri Park's goers, of legal age, with attendance of twice a week or more in the park. We observed that the interviewed population, the ones who live nearby and the frequent users of the park, most of them feel bothered with the constant marijuana use in the park spaces. According to them, they don't frequent the park on weekends, especially on Sundays, due the overcrowding of the park and decreased perception of safety. On the other hand, the supporters of marijuana use that were interviewed reported that they feel entitled to appropriate the public spaces of the city, including the Bacacheri Park. According to them, they choose these areas for smoking marijuana, because they crave for nature contact and the beauty of the place, and also feel safer in these spaces. And believe that the marijuana use in public spaces is already being more tolerated by the general population.

Keywords: Abnormal Leisure, City, Public Space, Marijuana.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Folder congresso online	18
Figura 2 - Gráfico Índice percentual de escolares Brasil	34
Figura 3 - Gráfico Índice percentual de escolares Curitiba	35
Figura 4 - Gráfico percentual de escolares frequência de uso	36
Figura 5 – Resquícios de um domingo	41
Figura 6 - Mapa de Curitiba	45
Figura 7 - Tabela da média de veículos em Curitiba	46
Figura 8 - Tanque do Bacacheri	47
Figura 9 - Arco do Parque Bacacheri	48
Figura 10 - Mapa do Parque Bacacheri	48
Figura 11 - Paisagem do Parque Bacacheri	49
Figura 12 - Quadra de areia 1	50
Figura 13 - Foto do parque a noite	50
Figura 14 - Modelo de churrasqueira do parque	51
Figura 15 – Parquinho	52
Figura 16 - Quadra de areia 2	52
Figura 17 - Academia ao ar livre	53
Figura 18 - Lachonete/bar	53
Figura 19 - Guardas rondando	54
Figura 20 - Modelo de bebedouro	55
Figura 21 – Fonte de água em 2007	56
Figura 22 - Fonte de água	57
Figura 23 - Placa sinalizadora	58
Figura 24 - Parque no inverno	59
Figura 25 - Lago do parque no inverno	59
Figura 26 – Nautimodelismo	60
Figura 27 – Momentos de lazer no parque	60
Figura 28 - Sábado no parque	61
Figura 29 – Sátira das redes sociais	62
Figura 30 - Momentos no parque	67
Figura 31 - Fonte de água para animais	69
Figura 32 - Espaço cercado para animais	69
Figura 33 - Espaço do parque	70

Figura 34 - Banco “adaptado”	71
Figura 35 - Espaço do parque com muro pichado	71
Figura 36 – Beco	72
Figura 37 - Churrasqueira abandonada	73
Figura 38 – Preparando o cigarro	75
Figura 39 – Jovens reunidos	78
Figura 40 – Roda de jovens	78
Figura 41 - Jovens bebendo	79
Figura 42 – Jovens bebendo e fumando narguilé	84
Figura 43 – Policiamento	87
Figura 44 – Jovens sendo abordados	88
Figura 45 – Sátira do parque nas redes sociais	90

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. METODOLOGIA.....	22
2.1. DELINEAMENTOS DO ESTUDO	22
2.2. OBJETO DO ESTUDO	23
2.3. INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	24
3. O PANÔRAMA GERAL DA MACONHA.....	27
3.1 UMA DROGA SOCIAL	33
4. A TEORIA DO LAZER ANORMAL DE CHRIS ROJEK E O CONCEITO DE LAZER DESVIANTE	39
5. O PARQUE BACACHERI E O FENÔMENO DO LAZER.....	45
6. OS ARRANJOS DO PARQUE EM DIA DE SEMANA: UM EQUILÍBRIO ...	66
7. OS (DES)ARRANJOS DOS FINAIS DE SEMANA NO PARQUE: UMA TENSÃO	74
8. O ACORDO SILENCIOSO QUE EXPULSA	86
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS.....	96
APÊNDICES	102
APÊNDICE A	103
APÊNDICE B	105
APÊNDICE C	107
APÊNDICE D	108
APÊNDICE E	110
APÊNDICE F.....	114

1. INTRODUÇÃO

Em nosso dia a dia é comum observarmos o uso da maconha em espaços públicos das cidades, prática bastante frequente e que tem sido tema de discussão em diferentes áreas acadêmicas, principalmente na Saúde, nas Ciências Sociais, Direito, Psicologia entre outras.

Porém, mesmo com essa notável banalização do uso da maconha nos espaços públicos das cidades, pouco se discute sobre quais os possíveis efeitos sociais que a presença dessa prática ilícita, por lei, pode causar com relação à dinâmica de apropriação desses espaços públicos da cidade.

Então, para melhor elucidar esse tema, um ponto de partida será “olhar” para um parque da cidade de Curitiba, pois é a partir dele e da compreensão dos seus espaços e de suas formas de uso, que pretendemos entender como os diversos frequentadores e seus interesses, convivem com esse fenômeno do uso da maconha nos espaços de lazer do parque.

Não obstante, trataremos de definir conceitos como a cidade entendida como o palco onde acontecem diversas manifestações sociais, que de acordo com Borja (2003, p. 26) é “uma complexa consumação humana, de produção cultural historicamente mais importante que recebemos”. Para Rechia (2003, p. 10) “as grandes cidades contemporâneas constituem um denso espaço, com funções diversas, por meio das quais se estabelecem múltiplas práticas sociais”.

Alguns desses espaços com funções diversas são os parques da cidade, que na perspectiva de Rechia (2003, p. 15) no caso de Curitiba, representam uma “linha de fuga”, em que as vivências no âmbito do lazer são como “tempo de vida” que podem significar a possibilidade de “um viver melhor” na cidade. A autora considera ainda que os parques de Curitiba possibilitam uma cidade ser mais humana. Conforme Jacobs (2000, p. 97) parques representam diversas utilidades singulares, pois são influenciados por seus frequentadores que vêm de diferentes partes da cidade se encontrar no mesmo espaço público, tornando-o um tempo e espaço de interação, e acrescentaríamos de tensão.

Diante disso, entendemos que é a partir desses espaços e tempos de vida na cidade que o sujeito se reconhece e cria identidade a partir de suas diferentes práticas sociais vivenciadas nos momentos de lazer.

Nesse viés, buscamos elucidar a categoria espaço por Santos (2014, p. 30) que o considera como “um conjunto indissociável, de objetos geográficos, naturais e sociais, em que a vida preenche e anima a sociedade em movimento”. Portanto, podemos entender o espaço como um arranjo coletivo¹ de forma que constitui cada fragmento da sociedade que se encontra em constante movimento, obtendo um grande papel na realização social. Sendo como um todo, um conjunto de possibilidades, em que “a sociedade seria o ser, e o espaço seria a existência” (idem p. 31). Ou seja, o espaço, antes de qualquer coisa, é um aspecto particular da sociedade, é nele que se dão as condições reais de existência, o que possibilita à humanidade a concretização de uma realidade histórica além da paisagem. A constituição em sociedade se materializa em formas de “fazer social” nos espaços da cidade.

Nesse sentido, os espaços públicos da cidade são ambientes propícios para a ocorrência de inúmeras práticas sociais da vida pública, possibilitando a presença da diversidade entre os sujeitos que habitam, condicionam, formam e (re)significam os seus espaços. Percebemos que essas qualidades ainda estão presentes atualmente nos espaços públicos das cidades, porém cada vez mais se transformam no reflexo da sociedade contemporânea, virando uma vitrine de amostras (ASSIS, 2014). Assim como se tornando espelhos que revelam tanto os aspectos positivos, nas relações de solidariedade, generosidade e sustentabilidade para com os outros e para com a natureza, como também aspectos negativos, em se tratando do uso de drogas, depredação do espaço público, transgressões as regras, entre outros exemplos.

Outro assunto que não podemos deixar de citar, pois contribui com a problemática da desapropriação dos espaços públicos como parques e praças, é a falta de mobilidade urbana para se chegar até esses espaços, ou até mesmo a insegurança causada por transformações sociais, físicas e estruturais

¹ Categoria inspirada em MAGNANI (2009) que entende um arranjo coletivo como sendo um aglomerado de práticas sociais/culturais, que formam um conjunto de ações identificáveis na forma empírica, que revelam os modos de ser e agir de determinados atores sociais analisados.

das metrópoles contemporâneas, em que o esvaziamento dos espaços públicos das cidades pode ser reflexo direto da falta de cuidado e planejamento dos gestores e dos cidadãos entre outros fatores.

Diante esse contexto, entendemos ser necessário estudar as relações sociais postas nos espaços públicos da metrópole, a fim de compreender essa dinâmica social e cultural da cidade, seus tempos e espaços de lazer, especificamente do parque Bacacheri em Curitiba.

A cidade de Curitiba² possui 16 bosques, 468 jardinetes, 2 jardins ambientais, 22 parques e 454 praças espalhadas pela cidade, o que contribuíram para conceber esse ideal de cidade verde que vem sendo construído como modelo a ser seguido por outros centros urbanos desde a década de 70. Todos os olhares se voltam para Curitiba quando o assunto é sustentabilidade, reciclagem de lixo, mobilidade urbana e espaços públicos de esporte, lazer e cultura. Porém apesar da beleza do lugar, Curitiba é uma cidade como outra qualquer, que tem suas tensões e problemáticas sociais, como o uso de drogas nos espaços públicos de lazer, tema que raramente é abordado.

Segundo Rojek (2011, p. 137) o lado obscuro do lazer é constantemente negligenciado por estudiosos do campo, pois tradicionalmente o lazer é discutido somente pelo viés de “bem social”. O pesquisador britânico não nega que o lazer seja um importante bem para a sociedade, mas aponta que devemos discutir mais sobre os aspectos anormais que permeiam o tempo de lazer das pessoas.

O autor ainda cita uma pesquisa feita na década de 50 a qual apontou que em determinado lugar, o índice de criminalidade aumenta nas sextas-feiras à noite e atinge seu ápice aos finais de semana. Ou seja, o fato do tempo de lazer das pessoas estar ligado a alguma inclinação desviante é real e não pode ser tratado somente como patologias hereditárias, mentais, físicas ou sociais (ROJEK, 2011, p. 140). O comportamento das pessoas em seu tempo livre expressa diversos fatores que devem ser desvendados.

Algumas pesquisas na área da Educação Física, Arquitetura e Geografia abordam como tema os estudos sobre espaços públicos de Lazer. Porém,

² Dados de 2013 do IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. Disponível em: http://curitibaemdados.ippuc.org.br/Curitiba_em_dados_Pesquisa.htm

poucas pesquisas recentes discutem sobre quais os efeitos da presença de práticas ilícitas como especialmente o uso da maconha, em espaços públicos, se essa relação pode impactar no uso e na apropriação desses espaços. Na pesquisa de Assis (2014) observou-se em um outro parque público de Curitiba problemas como prostituição e uso de drogas. A autora explicou que dentre os muitos usos dos espaços públicos, alguns são considerados ilícitos, como a prostituição masculina na porção mais afastada do parque. Fato relatado pelos entrevistados do parque Barigui que já mobilizaram manifestações contra esse fato no parque. Essas tensões e dilemas sociais entre o que é ilegal e legal posta nos espaços públicos são temas de muitas discussões mundialmente. Uma parcela da população se debruça na causa e procura discutir essas temáticas, entre elas o uso da maconha.

Um exemplo de que a prática do uso da maconha está sendo entendida pelos seus adeptos como uma “cultura cannábica”, é o tema do primeiro congresso online sobre esse assunto, como segue folder do evento disponível também nas redes sociais. O congresso contou com a participação de neurocientistas, médicos, mães de filhos adeptos ao uso da maconha, jornalistas, advogados, historiadores e ativistas membros de associações antiproibicionistas.



CONNABIS 2015 1º Congresso On-line sobre Maconha

Uma iniciativa da Associação Cultural Cannábica de São Paulo que reunirá os principais especialistas sobre maconha no Brasil. São 28 exposições on-line, onde estes especialistas apresentaram suas perspectivas em relação ao debate sobre a legalização desta planta em terras tupiniquins.

Cada convidado trouxe informações relacionadas a sua área de estudo, com temáticas específicas que envolvem as questões relativas à maconha. Foram tratados os mais diversos usos que fazemos da planta, desde um enfoque no uso medicinal até o uso recreativo, passando pelos usos industrial e religioso. Falou-se sobre redução de danos, cultivo pessoal de maconha, entre outros temas de especialidade dos convidados.

Um belo encontro entre estes especialistas e o público, que pode acompanhar de qualquer lugar do país o que eles têm a dizer sobre a maconha. Se você tem pouco tempo disponível ou está longe dos grandes centros urbanos em que estes debates estão sendo feitos, o CONNABIS é a grande oportunidade para você se envolver neste debate que está na boca do povo. No seu tempo, esteja onde você estiver.

Além de assistir on-line as apresentações dos convidados, você pode integrar o clube de connabistas onde são debatidas as temáticas apresentadas e partilhadas as perguntas dos integrantes do clube, contando com as facilidades do ambiente virtual para a interação com os demais participantes do congresso.

BEM-VIND@S AO CONNABIS 2015!!

Figura 1 - Folder congresso online

Fonte: <http://www.connabis.com>

A fim de dissertar sobre como se dá essa relação da “cultura cannábica”, neste trabalho, optamos pela escolha do espaço público Parque Bacacheri, para ser analisado como parte da pesquisa, o espaço fica localizado entre avenidas movimentadas da cidade de Curitiba, sendo um parque importante da região do bairro Boa Vista, norte da cidade, onde está localizada a maioria dos parques da capital do Paraná.

Uma notícia de 2013 publicada no site da Band News FM³ de Curitiba retratou esse questionamento, em que moradores do entorno do parque Bacacheri reclamam do cheiro característico da maconha que se pode sentir pelos cantos do parque em qualquer hora do dia. Os entrevistados pela emissora de rádio ainda apontaram a maneira de “vista grossa” dos guardas municipais que rondam o parque.

³ Disponível em: <http://bandnewsfmcureitiba.com/moradores-reclamam-de-consumo-de-drogas-durante-o-dia-no-parque-do-bacacheri/>

Enfim, não podemos negar que esse fato hoje já faz parte dos espaços públicos das cidades, e que muitas vezes, os espaços mais abandonados pelo poder público e consequentemente pela sociedade, acabam sendo mais propícios para o uso de drogas, podendo ocasionar como resultado o sentimento de insegurança como relata a reportagem noticiada, tendo como possível consequência o esvaziamento desses locais, tornando-os cada vez mais promissores a tais práticas ilícitas como o uso de drogas. Apesar de o Parque Bacacheri ser um espaço bem cuidado, bastante frequentado e mantido pela prefeitura, observamos no decorrer dessa pesquisa que alguns lugares mais afastados dentro do parque acabam sendo um ponto escolhido para o uso da maconha, se tornando um palco da “cultura cannábica”.

Diante disso, entendemos ser relevante estudar um fenômeno abrangente como o lazer, dentro do espaço público e suas implicações sociológicas⁴ entre a cidade de Curitiba e seus cidadãos, no caso específico do Parque Bacacheri. Dentro do contexto de nossa grande área da Educação Física, é relevante entendermos como ocorre o cotidiano entre vivências de práticas corporais ampliadas (que incluem atividades físicas propriamente dita com fim na promoção de saúde, assim como práticas socioculturais atribuídas de sentidos e significados, ambas aliadas ao bem estar dos sujeitos) juntamente com outras práticas como o uso da maconha, que convive no mesmo espaço público de lazer, e que pode influenciar nas formas de apropriação de todos os envolvidos que frequentam os espaços do parque.

Para Santos (2014, p. 53) “o estudo regional assume importante papel nos dias atuais, com a finalidade de compreender as diferentes maneiras de um mesmo modo de produção reproduzir-se, dadas as suas especificidades”.

Ainda de acordo com Santos (2014, p. 53) “estudar uma região significa penetrar num mar de relações, formas, funções, organizações, estruturas etc., com seus mais distintos níveis de interação e contradição”.

⁴ “Isso implica considerar sujeito de estudo: gente, em determinada condição social, pertencente a determinado grupo social ou classe com suas crenças, valores e significados. Implica também considerar que o objeto das ciências sociais é complexo, contraditório, inacabado, e em permanente transformação” (MINAYO, 2000, p.22).

Então, é a partir desse viés que esse trabalho buscou identificar como as possíveis influências e as práticas, especialmente o uso da maconha, em meio à rotina de atividades do Parque Bacacheri, podem alterar na apropriação desses espaços por seus frequentadores assíduos, moradores do entorno. Ou seja, buscamos investigar como os frequentadores do parque Bacacheri se relacionam com os diferentes grupos sociais inseridos no cotidiano desse espaço público, especialmente os adeptos do uso da maconha. Para tanto o trabalho objetivou especificamente:

- a) Apresentar o panorama e a história do uso da maconha no Brasil, desde sua chegada até suas manifestações atuais;
- b) Descrever o Parque Bacacheri, seus espaços de Lazer e suas práticas desenvolvidas, identificando os grupos que fazem uso da maconha em meio aos espaços do parque;
- c) Analisar e relacionar os dados obtidos com a teoria do Lazer Anormal de Chris Rojek e o conceito de lazer desviante.

Nesse sentido, Luchiari (1996, p. 213), “defende a importância do estudo dos espaços para a compreensão da articulação e organização da sociedade”. Com isso, essa pesquisa abordou como pontos norteadores os conceitos relacionados aos fenômenos sociais presentes nos espaços da cidade, construindo um referencial teórico para um estudo de caso aprofundado no cotidiano do parque, especificamente o uso da maconha.

Tais fatos suscitaram meu interesse como frequentadora do Parque Bacacheri há muito tempo, a fim de tentar entender como se dá essa relação entre os frequentadores do mesmo espaço público e seus diferentes interesses singulares, com relação aos seus tempos e espaços de lazer. Pois mesmo com o aumento do uso da maconha em meio aos espaços públicos das cidades, pouco se sabe a respeito do que a sociedade pensa sobre o assunto, se já se tornou uma prática tolerada, ou admissível/aceitável desde que não afete diretamente a rotina individual de cada sujeito que frequenta o parque.

Nesse sentido as pesquisas sobre espaços de lazer da cidade do GEPEC/UFPR - Grupo de Estudos e Pesquisa em Lazer, Espaço e Cidade, que vem a mais de 10 anos discutindo a relação entre a cidade e o fenômeno

do lazer, também nos ajudaram a nortear e definir nosso objeto de estudo. Pois em outros estudos do grupo já havia sido constatado o uso de drogas, como a maconha, em outros espaços da cidade, como no parque Barigui, na Praça de bolso do ciclista, e nas comunidades Vila Audi/União e Vila Nossa Senhora da Luz. Ter participado do grupo no decorrer da minha formação acadêmica e poder fazer parte do PET – Programa de Educação Tutorial, desde 2010, assim como ser voluntária do projeto Licenciatar e Iniciação Científica, me proporcionou a experiência de atuar com crianças e jovens de contra turno escolar em comunidade de vulnerabilidade social, descobrindo as problemáticas do lugar onde as crianças moravam e ao mesmo tempo vivenciavam suas práticas de lazer.

Já pelo papel significativo que o parque Bacacheri desempenha na região do bairro Boa Vista na cidade de Curitiba, entendemos essa pesquisa como um estudo pioneiro de referência que poderá ser adaptado e utilizado como base para outras pesquisas em espaços públicos da cidade de Curitiba, quando se tratar deste tema social emergente. Poucas pesquisas se dedicam a dar voz a esses atores sociais, principalmente sobre o que os jovens pensam e qual o olhar da sociedade sobre esse tema considerado tabu⁵.

No decorrer desse trabalho, trataremos então de elucidar as questões já apontadas e discuti-las através de autores que se aproximam dessa temática. Assim como pensar qual o papel da Educação Física nesse contexto, como podemos atuar para que os espaços públicos de lazer das cidades continuem sendo amplos e com muitas possibilidades de uso, sendo ao mesmo tempo democráticos e atrativos a todos os sujeitos que queiram ter acesso ao seu direito constitucional garantido, uma vez que na Constituição de 1988, o lazer consta como um dos direitos sociais em que “o Poder Público incentivará o lazer como forma de promoção social” (BRASIL, 1988). Ato que nem sempre se afetiva realmente como previsto na lei.

⁵ Termo que significa limitar ou evitar a discussão de assuntos polêmicos, utilizado por convenção social, religiosa ou cultural da sociedade.

2. METODOLOGIA

2.1. DELINEAMENTOS DO ESTUDO

Esta pesquisa de cunho qualitativo buscou sentido por Minayo (2001, p. 21), através do:

“[...] universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

A partir da compreensão de como o espaço está constituído, entendemos a relação desse parque público com o olhar específico direcionado às pessoas que dele se apropriam de diferentes formas. Sendo a observação de acordo com a mesma autora “uma ferramenta imprescindível na investigação de fenômenos sociais”.

O referencial teórico pairou sobre as questões relativas às palavras-chave: Lazer Anormal, Cidade, Espaço Público, Lazer e Maconha. Dessa forma, elaboramos a discussão teórica a partir de diferentes fontes, como livros, dissertações, artigos de periódicos qualificados e bases de dados eletrônicas.

A fim de responder os objetivos específicos nós utilizamos dados de do IBGE e do IPPUC para apresentar o panorama do uso da maconha e as características dos moradores do bairro Bacacheri, assim como, para responder os demais objetivos, utilizamos o protocolo de observação de espaços, o diário de campo e as entrevistas com os frequentadores.

Informações diversas e importantes a serem coletadas, pois:

dentre as antinomias relevantes, se encontram as relações entre o universal e o particular; entre o global e o local; entre o micro e o macro; entre o coletivo e o individual; entre o todo e as partes; entre a análise e a síntese; entre as relações cêntricas, acêntricas e policêntricas (MINAYO, 2005, p. 34).

2.2. OBJETO DO ESTUDO

Foi escolhido o Parque Bacacheri como campo empírico para a pesquisa por ser um parque de grande circulação na região do bairro Boa Vista na cidade de Curitiba desde sua inauguração em 1988. Esta pesquisa teve como participantes para as entrevistas frequentadores assíduos do parque, totalizando um número de 22 pessoas entrevistadas. Sendo que dentre esse total de participantes, 2 eram trabalhadores do parque (um funcionário da prefeitura que cuida da jardinagem e limpeza do parque e um comerciante autônomo que trabalha vendendo caldo de cana todos os dias inclusive aos finais de semana no parque), 3 jovens que frequentam os espaços de lazer do parque Bacacheri e que em certa época de suas vidas já fizeram o uso de substâncias psicoativas no parque, especialmente a maconha e 1 adepto ao uso da maconha diariamente que escolhe um espaço público da cidade de Curitiba para fazer uso de tal substância e que tem uma empresa online de tabacaria e produtos do ramo para auxiliar na renda.

Já as observações em diário de campo totalizaram 19 visitas ao parque com duração média de observação em torno de 3 horas a cada visita.

Foram coletadas informações ao ponto de começarem a se repetir, método baseado na amostragem acidental por saturação, que de acordo com Fontanella, Ricas e Turato (2008), é uma ferramenta usada em pesquisas qualitativas, justificando o tamanho final da população entrevistada.

O término das entrevistas e das observações no local do estudo se deu quando não identificamos mais nenhuma informação relevante, diferente de todas as outras já coletadas, sendo então suficientes para as discussões propostas por este estudo. Ressaltamos que não foi objetivo desse trabalho traçar um perfil populacional, apenas apresentamos dados sobre os moradores da região do bairro Bacacheri em Curitiba para melhor elucidar algumas questões levantadas nessa pesquisa.

Tivemos como critérios de inclusão e exclusão para as entrevistas dessa pesquisa, frequentadores do Parque Bacacheri, maiores de idade, de ambos os sexos, sem restrição de área profissional ou escolaridade, que tivessem frequência igual ou superior a duas vezes por semana no parque.

Os frequentadores que não se encaixaram nesses critérios de inclusão, não foram adotados para as entrevistas, porém continuaram presentes nos momentos de observação e descrição do cotidiano do parque, feitas em diário de campo. Foram excluídos também os frequentadores do parque que não se interessaram em participar da pesquisa de forma voluntária.

2.3. INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

O desenvolvimento dessa pesquisa se deu a partir de dois instrumentos: roteiros de entrevistas⁶ e de observação em forma de questionário e por diário⁷ de campo. Os roteiros (apêndice A, B e C) foram aplicados a partir de entrevistas semiestruturadas, seguindo o roteiro de perguntas pensadas a priori, e desenvolvendo outros questionamentos pertinentes que surgiram durante a entrevista, os quais puderam fomentar ainda mais a investigação. As entrevistas foram registradas por um gravador de áudio mp3, para melhor compreensão das falas dos entrevistados que foram transcritas nesse trabalho.

O roteiro de observação (apêndice D) foi baseado no Protocolo de Observação de Espaços e Equipamentos de Lazer do GEPLEC⁸, que permitiu o envolvimento do pesquisador com o cenário físico e estrutural do objeto de estudo, o que proporcionou não nos limitar às falas dos participantes entrevistados, mas sim a todo o contexto. Assim como as observações registradas em diário de campo, que auxiliaram na organização temporal desse estudo, em que foi possível registrar informações importantes como desde as

⁶ As entrevistas serão do tipo parcialmente estruturadas, que segundo Laville e Diobbe (1999, p.333) possuem : "... temas especificados e perguntas (abertas) preparadas previamente. Mas toda liberdade é mantida no que concerne á retomada de algumas questões, a ordem nas quais as perguntas são feitas e ao acréscimo de outras improvisada." "entrevista semiestruturada "...que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender a indagação formulada" (MINAYO, 2001, p.64).

⁷ "O principal instrumento de trabalho de observação é o chamado diário de campo, que nada mais é que um caderninho, uma caderneta, um arquivo eletrônico no qual escrevemos todas as informações que não fazem parte do material formal de entrevistas em suas várias modalidades. Respondendo uma pergunta frequente, as informações escritas no diário de campo devem ser utilizadas pelo pesquisador quando vai fazer análise qualitativa." (MINAYO, 2001, p.71).

⁸ Esse protocolo foi desenvolvido pelo GEPLEC no ano de 2004, desde então vem sendo utilizado em diferentes pesquisas.

condições climáticas nos dias de observação, as problemáticas estruturais da rotina do parque, e outros fatores percebidos que possivelmente influenciavam diretamente na apropriação do mesmo.

Ressaltamos que tais informações registradas em diário de campo se tornaram valiosas para essa pesquisa de cunho qualitativo, pois nos permitiu através dos registros diários analisar profundamente o campo.

Os períodos de observação foram livres, de acordo com a disponibilidade possível, não sendo visitas delimitadas ou engessados a quantidades de vezes na semana ou finais de semana a cumprir. As observações ocorreram entre os meses de agosto, setembro, outubro e novembro, em diferentes dias e horários da semana, assim como aos finais de semana. Prevalecendo a diversidade do tempo, em questões de horários e contemplando duas estações do ano. Não se limitando também a idas somente em dias ensolarados ou quentes, procurando manter uma fidedigna perspectiva de olhar neutro a cada situação e condição observada.

No período de observação também foram analisados os elementos do entorno do parque e as características de seus usuários (quanto à faixa etária média, vestimentas, comportamentos entre outros fatores que puderam dizer algo sobre as diferentes formas de apropriação dos frequentadores), assim o principal foco de observação desse estudo, girou em torno das ações que os sujeitos estavam realizando nos espaços e equipamentos do parque Bacacheri. Observamos ações desde a contemplação do espaço a utilização dele como passagem de um lugar ao outro. Ressaltamos que todos os frequentadores do parque que participaram dessa pesquisa como entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice E). Assim como essa pesquisa foi aprovada pelas instâncias do um comitê de ética (apêndice F).

Portanto, as entrevistas foram elencadas e analisadas, depois de transcritas, sendo criadas categorias de análise posteriormente. A organização dos dados se deu a partir da análise proposta por Bardin (2009) que propõe três fases: pré-análise, análise do material e tratamento dos resultados.

Nessa perspectiva, Certeau (1994) corrobora afirmando que precisamos descobrir:

que procedimentos populares (minúsculos e cotidianos) jogam com os mecanismos institucionais e não se conformam com

eles a não ser para alterá-los; enfim, que maneiras de fazer formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou “dominados”?) dos processos mudos que organizam a ordenação sociopolítica [...] essas maneiras de fazer constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural (p.41).

Ou seja, buscamos entender a partir dessas maneiras de fazer que o Certeau fala e com as informações coletadas através das observações e das entrevistas obtidas como se dão essas relações vividas no cotidiano do parque.

3. O PANÔRAMA GERAL DA MACONHA

Atualmente, as marchas de rua a favor da legalização da maconha põem em discussão a liberdade de expressão democrática e a descriminalização de seu uso.

No final de 2015, um processo⁹ judicial que vem em andamento desde final de 2014 prescreve que a ANVISA coloque um adendo na lista de substâncias proibidas no Brasil, autorizando o uso por prescrição médica e estudos científicos de derivados da Cannabis Sativa, a fim de liberar o “uso, posse, plantio, cultura, colheita, exploração, manipulação, fabricação, distribuição, comercialização, importação, exportação e prescrição, exclusivamente para fins médicos e científicos, da Cannabis sativa L”. Ou seja, permitir o uso medicinal das substâncias THC e do CBD para pacientes com transtornos graves de doenças como “a epilepsia refratária, o mal de Parkinson, as dores neuropáticas, as dores crônicas, a artrite reumatóide, o mal de Alzheimer, a esclerose múltipla, a doença de Chron, o glaucoma, além de amenizar os efeitos colaterais de medicamentos para tratamento de Hepatite C, AIDS, câncer, e outros males”. O processo entende os riscos dessa abertura na lei e alega que:

é preciso compreender a separação dos poderes através de uma análise sistêmica da Constituição, procedendo a uma interpretação teleológica das suas normas, isto é, tendo em consideração que o Estado deve garantir a saúde de todos os seus administrados através dos meios mais hábeis para tanto, no caso, sendo possível afirmar, segundo as informações técnicas reunidas nos autos (cf. fl. 592/1173; 1229/1272 - volumes em apenso), que o uso da Cannabis proporciona uma vida humana digna às pessoas que sofrem com doenças graves - na medida em que passam a encontrar alívio a um sofrimento que não responde aos tratamentos convencionais hoje disponíveis no mercado de consumo brasileiro (p.8).

Contudo, não trataremos de discutir os pormenores das leis que regem tais assuntos como a importação e venda sob prescrição médica do Cannabidiol, assim como esse trabalho não tratou de esmiuçar o debate sobre

⁹ Processo nº: 0090670-16.2014.4.01.3400 - 16ª VARA FEDERAL - nº de registro: e-CVD 00085.2015.00163400.1.00287/00032

tráfico de drogas, e as opiniões que dividem mundos por conta desse assunto polêmico, uma vez que esse debate só parece simples, mas não é. Pois diferentes culturas e gerações constroem ideários de vida baseado em suas crenças e interesses, o que torna esse assunto sempre um tabu há muito tempo.

Todavia, o objetivo desse trabalho não é se posicionar contra ou a favor do uso da maconha em espaços públicos das cidades, mas sim investigar qual o panorama da relação entre essa prática perante o olhar da população que utiliza o parque em seus momentos de lazer, no caso específico do parque Bacacheri.

Inicialmente, devemos entender outros acontecimentos que colocam em evidência essa temática em questão, como a chamada guerra às drogas, codinome que simboliza os radicais esforços de proibição e extinção de consumo e produção de entorpecentes ilícitos, declarada em 1971 por Richard Nixon, um ex-presidente dos EUA.

No Brasil, desde os anos de 1920 já se falava na coibição e no proibicionismo das drogas. Vezes tratada como um problema de saúde pública e em outros momentos tratada como assunto de segurança social, mas que proibia desde a venda ao uso dessas substâncias psicoativas.

Segundo Rodrigues (2015, p. 54):

A própria distinção entre “usuário” e “traficante” – saudada por muitos reformistas hoje em dia – apareceu na legislação brasileira na Lei de Tóxicos (Lei nº 6.368), editada em 1976, durante a ditadura. Essa diferenciação fixou o consumidor de drogas como “doente” propenso a praticar crimes para manter seu “vício”, enquanto elevou as penas para os negociantes ilegais.

Após guerra declarada, como conta o mesmo autor, o assunto ganha um viés político e econômico, separando o mundo em países produtores e países consumidores de drogas. Assim a questão se torna um assunto mundial, com foco de cuidado para com a América Latina. Porém nos dias de hoje, a legislação permite penas mais leves e alternativas para os considerados usuários, fato que não interfere nem abala as estruturas do principal problema dessa guerra, que é o narcotráfico (RODRIGUES, 2015).

A palavra narcóticos, segundo Araujo (2014, p.14) vem do grego *narkotikos* e se designa como aquilo que adormece. Desde o século XIV era

usada por médicos ao se referir a substâncias com capacidades de anestesiá-las seus pacientes. Com o passar do tempo, a palavra passou a ser usada como sinônimo de qualquer entorpecente, até mesmo para a cocaína, por exemplo, que ao contrário do significado grego da palavra, não causa adormecimento, mas sim tem efeito contrário.

Ainda segundo o mesmo autor, é importante entendermos também o significado da palavra “droga”, que pelo senso comum acabou se definindo como tudo “aquilo que faz mal”, aquilo que não é bom ou o que não tem valor é uma droga.

Uma definição generalizada usada por farmacologistas define droga como “qualquer substância capaz de alterar o funcionamento normal de um organismo”, significado este que se aproxima mais da palavra grega *phármakon* que se referia tanto para remédio como para veneno. Sendo que o importante da questão não era se a substância era boa ou ruim, o que ditava suas consequências era o uso que se fazia delas, generalizando, por exemplo, todos os tipos de drogas, desde a maconha, a cocaína, ou até mesmo uma aspirina, um café que se toma para ficar acordado (ARAUJO, 2014, p. 29).

Corroborando com esse tema Pinsky e Pazinatto (2014, p. 47) elencam possíveis estágios de consumo de drogas, como:

- Uso experimental: eventual, voluntário e inicial que reflete momentos de curiosidade geralmente na adolescência na vontade de seguir os amigos.
- Uso regular: repetido frequentemente se tornando parte rotina, com consequências agudas agravantes.
- Uso problemático/abuso: estágio onde se deixa de cumprir obrigações como ir à escola, decorrente do consumo que caminha para o nível crônico.
- Dependência: raramente se dá na adolescência, pois necessita de um período de tempo maior para se tornar um problema crônico de uso compulsivo e de caráter psiquiátrico.

Segundo Araujo (2014, p. 32) as drogas também são classificadas de acordo com seus efeitos sobre a percepção e os comportamentos que causam no organismo, podendo ser elencadas como:

- Estimulantes: exemplo a cafeína, nicotina e anfetaminas, que aceleram o funcionamento do organismo, aumentando a pressão sanguínea e a

ansiedade, e diminuindo o sono, deixando a pessoa em alerta, ou causando euforia, no caso da cocaína.

- Depressoras: reduzem a atividade cerebral, deixando as pessoas sonolentas com efeito analgésico, no caso do álcool e todas as drogas opióides.
- Perturbadoras: que tanto aumentam ou diminuem a atividade do sistema nervoso central mudando a maneira dele trabalhar, tendo efeito mais qualitativo do que quantitativo, causando ilusões, alucinações e delírios. No caso do LSD, da maconha e outras plantas.

Ainda segundo o mesmo autor, outra distinção que transforma a droga a partir de diferentes olhares, é o uso que se faz dela, seja ele: recreativo, medicinal ou espiritual. Na antiguidade, tudo que se buscava referente à plantas psicoativas era em busca da cura para alguma doença ou sintoma, sendo geralmente uma experiência espiritual dos chamados curandeiros, que não dispensavam seus efeitos inebriativos, pois acreditavam nos significados místicos envolvidos nesse processo.

Relacionando o fator do uso de drogas com a finalidade de causar prazer no sentido de alívio físico ou psíquico, podemos listar inúmeros exemplos divulgados pela mídia dentro da área da Educação Física e ciências do esporte, de atletas que fazem uso da maconha após treinos ou competições exaustivas, a fim de relaxar entre outras expectativas, e que muitas vezes são pegos no exame antidoping¹⁰.

Buscando analisar junto com a literatura, questionamos a população sobre o que, na opinião deles, poderia ser feito quanto ao uso da maconha no parque Bacacheri, um dos entrevistados relata que:

o que eu acho que poderia ser feito é, assim, pra diminuir um pouco a violência, era regulamentar e liberar, pode fumar. Porque a maconha é um cigarro que ele vai fazer mal igual o outro cigarro comum, a única diferença é que tem um cheiro mais forte (Entrevistado 2).

¹⁰ Como o caso do atleta de vôlei Giba, que teve um episódio de doping pelo uso da maconha e como punição ficou suspenso por 8 jogos pela federação italiana, antes das olimpíadas de Atenas. O atleta afirmou que seu maior medo era ficar fora das olimpíadas, e que foi a única vez que usou a droga. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u56841.shtml>. Já a atleta Ronda Rousey em uma entrevista polêmica, afirmou que na opinião dela o uso da maconha não deveria contar como doping, pois é uma planta que não causa melhoras no desempenho do atleta. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/ronda-rousey-diz-que-maconha-nao-e-doping-e-alfineta-anderson-silva/>

Historicamente, o alvo do controle e da proibição às substâncias psicoativas, desde a guerra declarada contras às drogas, é justamente contra o chamado uso recreativo, que fica fora da linha aceitável do uso para tratamentos medicinais de cunho científico, por exemplo, ou para rituais religiosos, que geralmente têm o aval liberado por autoridades.

De maneira pioneira, alguns países recentemente, no século XXI, vêm mudando esse cenário, ao regulamentar o uso recreativo ou uso pessoal da maconha.

Na Holanda, para maiores de idade o uso de maconha até certa quantidade já é vendido exclusivamente dentro dos chamados *coffe shops*, que são pubs exclusivos para a venda autorizada da maconha de vários tipos (no sentido de quantidades maiores ou menores de THC¹¹).

Outro país que se encaminha também para a regulamentação é o Uruguai, onde a venda está ligada a entidades do governo, que liberam certas quantidades de maconha para maiores de idade com a condição de que sejam residentes do país e usuários registrados. Assim como alguns uruguaios têm a liberação para fazer seu próprio plantio, dentro de certos limites regulamentados por lei.

Parker et al (2002, p. 943) fala sobre os diferentes perfis dos usuários de drogas e explica que:

os usuários problemáticos de drogas, cujo físico, aparência e comportamento social deteriorar-se [...] tornam-se estigmatizados pelo seu comportamento pessoal, este não é realmente o caso para jovens usuários de drogas recreativas (tradução nossa).

Ou seja, podemos entender, portanto, que muitos destes jovens que fazem uso da maconha em seus momentos de lazer nos espaços públicos das cidades, podem se encaixar no comportamento de “lazer casual”, definido por Robert Stebbins (*apud* OLIVEIRA e DOLL 2012, p.329) como sendo uma prática instantânea, de caráter intrínseco e momentâneo, que necessita de pouca ou nenhuma experiência para ser proveitosa.

¹¹ Tetra-hidrocanabinol é a principal substância psicoativa encontrada nas plantas do gênero cannabis.

Nessa linha de raciocínio, segundo Certeau¹² (1994, p.92) o processo de subversão às normas é fundamentado no conceito de “táticas”, em que se caracterizam “as maneiras de fazer” as quais agem sem ter lugar definido. Desse modo, os acontecimentos se transformam em ocasiões, ou seja, é necessário aproveitar as brechas de maneira astuta, geralmente apoiado em interesses coletivos.

Porém, segundo o mesmo autor, além de serem imprevisíveis as possibilidades ofertadas pelas circunstâncias levam a táticas desviacionistas que não obedecem às leis racionais do lugar.

Segundo Formiga, Melo e Leme (2013, p.10) no caso das condutas delitivas, acredita-se que ocorram “sob uma dinâmica situacional cotidiana vivida pelas pessoas [...] a partir de um evento psicossocial. Tal evento não afeta apenas as relações humanas, mas também, um produto social, educacional, econômico, de um ambiente sociocultural e histórico” (idem).

Ainda a partir das contribuições dos mesmos autores, entendemos que essas práticas desviacionistas como o uso da maconha, revelam comportamentos definidos como:

síndromes culturais, que consistem em compartilhar atitudes, crenças, normas, papéis sociais e definições do eu, sendo os valores dos membros de cada cultura organizada de forma coerente sob um fenômeno (Triandis, 1995; Triandis, 1996). Ao se orientar por um ou outro tipo de orientação cultural, a pessoa se comporta na forma de se autoperceber ou nos seus relacionamentos interpessoais (p.11).

De acordo com os dados obtidos em diário de campo, através das observações, podemos perceber que o encontro entre os jovens que fumam maconha no parque Bacacheri se dão de forma espontânea, sem compromisso ou obrigatoriedade. Características que afirmam a ideia do lazer casual, em que os jovens utilizam o seu tempo livre para “socializar” no parque e fazer parte das atividades e práticas que acontecerem lá, juntamente com seus grupos de afinidades.

Como segue um dos episódios descritos em diários de campo:

¹² Para o autor as táticas se diferenciam das estratégias, que por sua vez visam impor e controlar as circunstâncias. Já a partir das táticas surgem diferentes maneiras de fazer, as quais são produto da astúcia e da capacidade inventiva individual de cada experiência. Porém as táticas e estratégias são interdependentes. (CERTEAU, 1994).

Passando pela pista de caminhada do parque avisto caminhando ao meu encontro três garotos, com certeza menores de idade, dois portando cigarros de maconha ainda em fase de preparação. Um dos garotos parece ensinar o outro a enrolar o cigarro do jeito que ele faz, como se fosse mostrar para o outro a sua técnica. Mais para a frente, na tentativa de disfarçar, dou meia volta para continuar a observar os garotos, porém os mesmos já se encontram sentados em um dos bancos de tronco sem encosto, que dão tanto de frente para o lago quanto de frente para a pista de caminhada. Os jovens optam por ficar de frente para a pista de caminhada, já com o cigarro pronto. Fato que mostra mais uma vez o quão a vontade os jovens se sentem fumando maconha no parque (Diário de campo, domingo dia 27/9/15 as 16h30).

Esse episódio registrado em diário de campo nos faz refletir sobre como ou com o que os jovens estão ocupando seu tempo livre. Segundo Dayrell (2002, p. 135) é no mundo privilegiado das práticas culturais que os jovens buscam demarcar suas identidades.

Saindo do olhar dos pais e professores, os jovens assumem o papel de suas ações, sendo protagonistas na construção de um olhar sobre si mesmo e sobre o mundo ao seu entorno. Ou seja, independente das práticas que os jovens escolhem exercer em seu tempo livre, os diferentes estilos culturais podem declinar-se para atividades de intolerância, agressividade ou delinquência. Como também, por uma perspectiva positiva, conforme os objetivos traçados por essas coletividades juvenis, após serem capazes de processar o contexto de diversas influências externas, os interesses produzidos dentro dos grupos específicos podem ser vinculados à mobilização urbana e identidade cidadã, assim como atividades que envolvam ações de solidariedade (DAYRELL, 2002, p. 136).

No próximo tópico, trataremos de discutir dados do IBGE que mostram o quão cedo jovens e adolescentes têm tido acesso a drogas ilícitas principalmente a maconha.

3.1 UMA DROGA SOCIAL

Segundo dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012¹³) do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que investigou

¹³ Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv64436.pdf>

o perfil dos jovens escolares do país, entre 2009 e 2012 ocorreu um aumento do percentual de escolares que já usaram drogas ilícitas, na maioria das capitais brasileiras.

Em 2009, a pesquisa identificou que a experimentação de drogas ilícitas foi de 8,7% dentre os alunos das capitais do país. Já em 2012, a proporção para este indicador, entre os adolescentes que frequentavam o nono ano em escolas das capitais, foi de 9,9%, representando um aumento em relação ao resultado observado anteriormente.

O estudo revelou que em 2012, 7,3% dos estudantes de escolas particulares e públicas declararam ter usado algum tipo de droga ilícita.

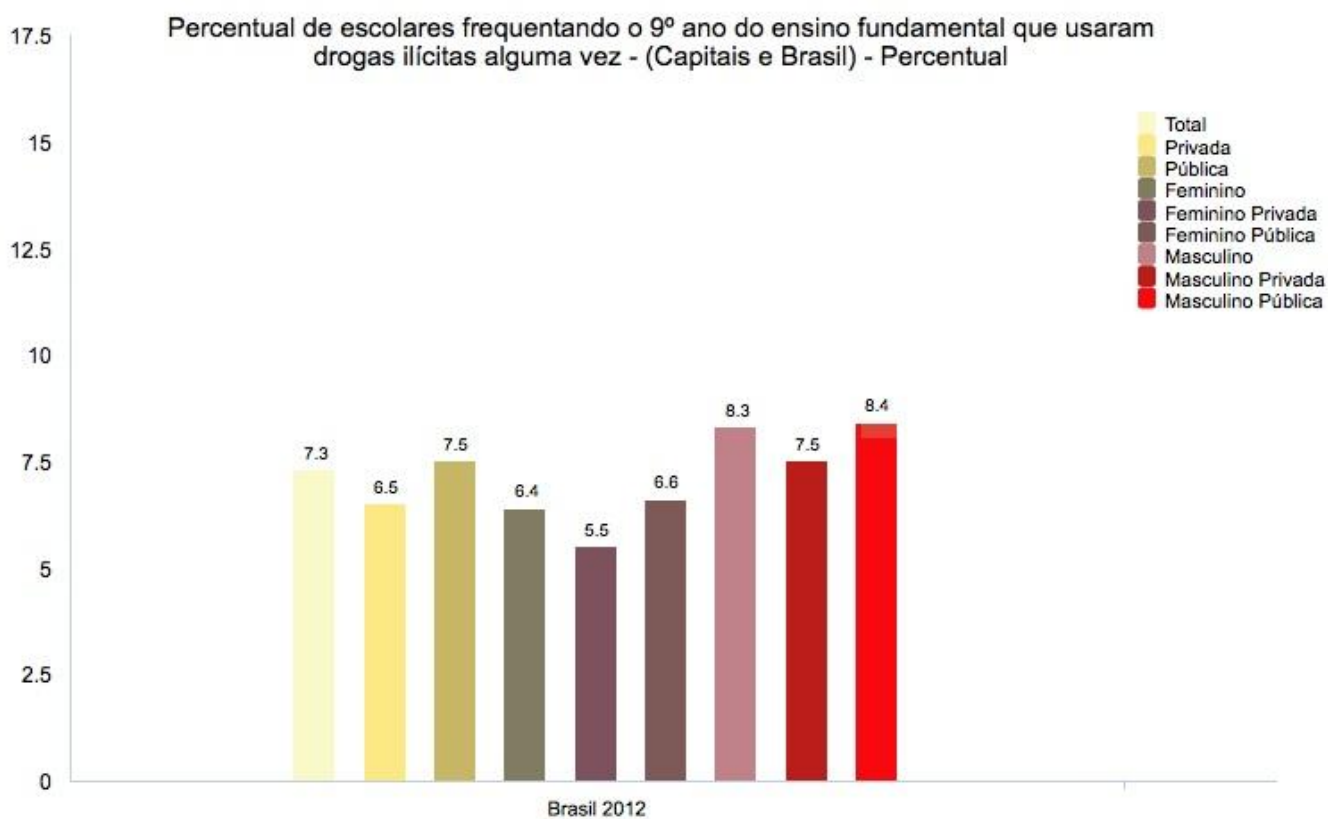


Figura 2 - Gráfico Índice percentual de escolares Brasil

Fonte: IBGE

Entre as capitais, o maior percentual foi encontrado na cidade de Florianópolis (17,5%) seguido por Curitiba (14,4%).

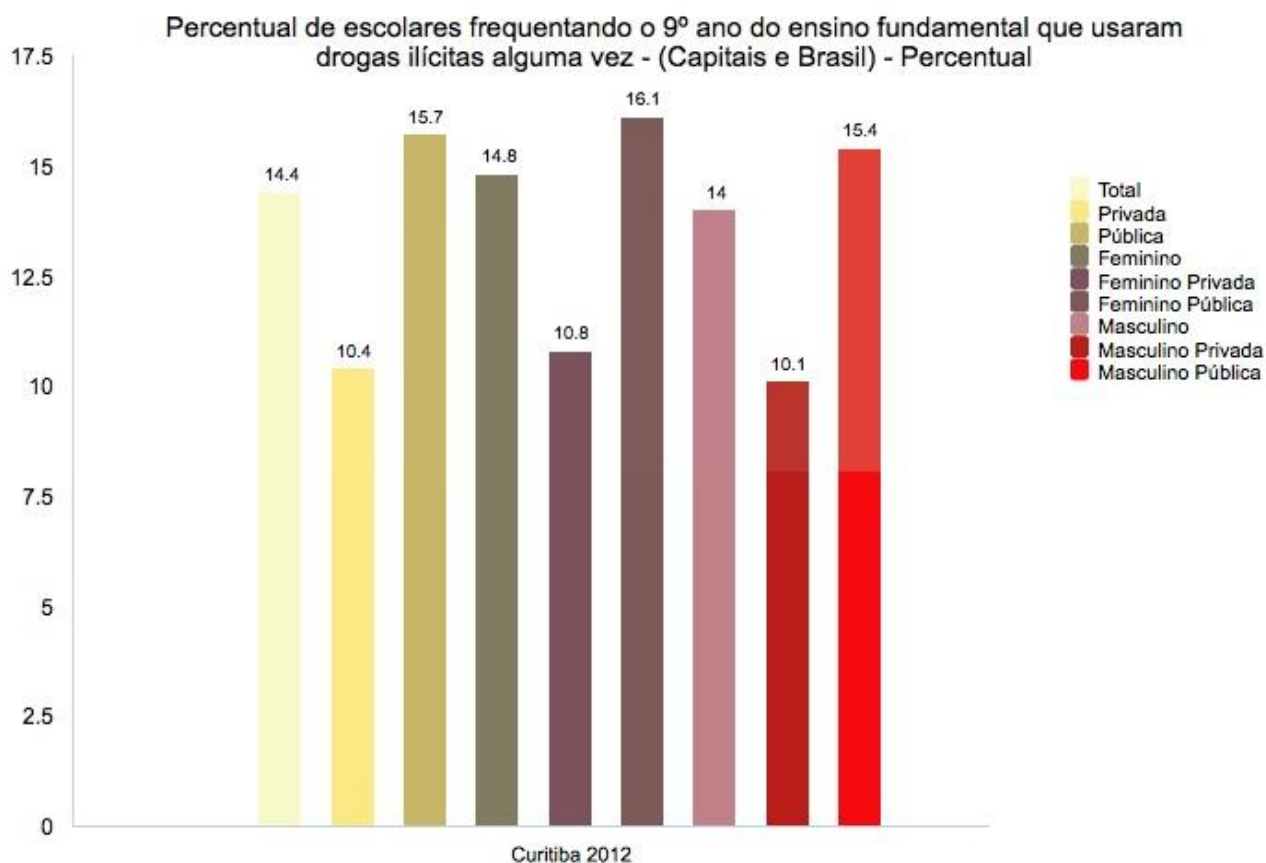


Figura 3 - Gráfico Índice percentual de escolares Curitiba

Fonte: IBGE

Esses dados nos fazem refletir que, cada vez mais cedo, os jovens têm contato com certa regularidade a drogas ilícitas como a maconha. Para Dayrell (2002, p. 126), a juventude sofre com situações de vulnerabilidade social, por um conjunto de fatores que mostram como o jovem é susceptível a processos de exclusão social e desigualdade global, assim como violência simbólica e física. Essa contribuição com a vulnerabilidade social dos jovens na sociedade, parte de fatores como desde o encolhimento do papel da escola em construir certa referência de valores na constituição dos sujeitos, como a submissão das esferas públicas em oferecer soluções efetivas na criação de políticas que contemplem os jovens.

Os dados do IBGE ainda revelam que nos últimos 30 dias da data da pesquisa, dentre os 7,3% dos escolares que usaram alguma droga ilícita, 34,5

% do consumo atual foi de maconha e 6,4% usaram crack. Em Curitiba, 31,9% dos jovens entrevistados fizeram uso de maconha pelos menos 2 vezes nos últimos 30 dias que antecederam a pesquisa.

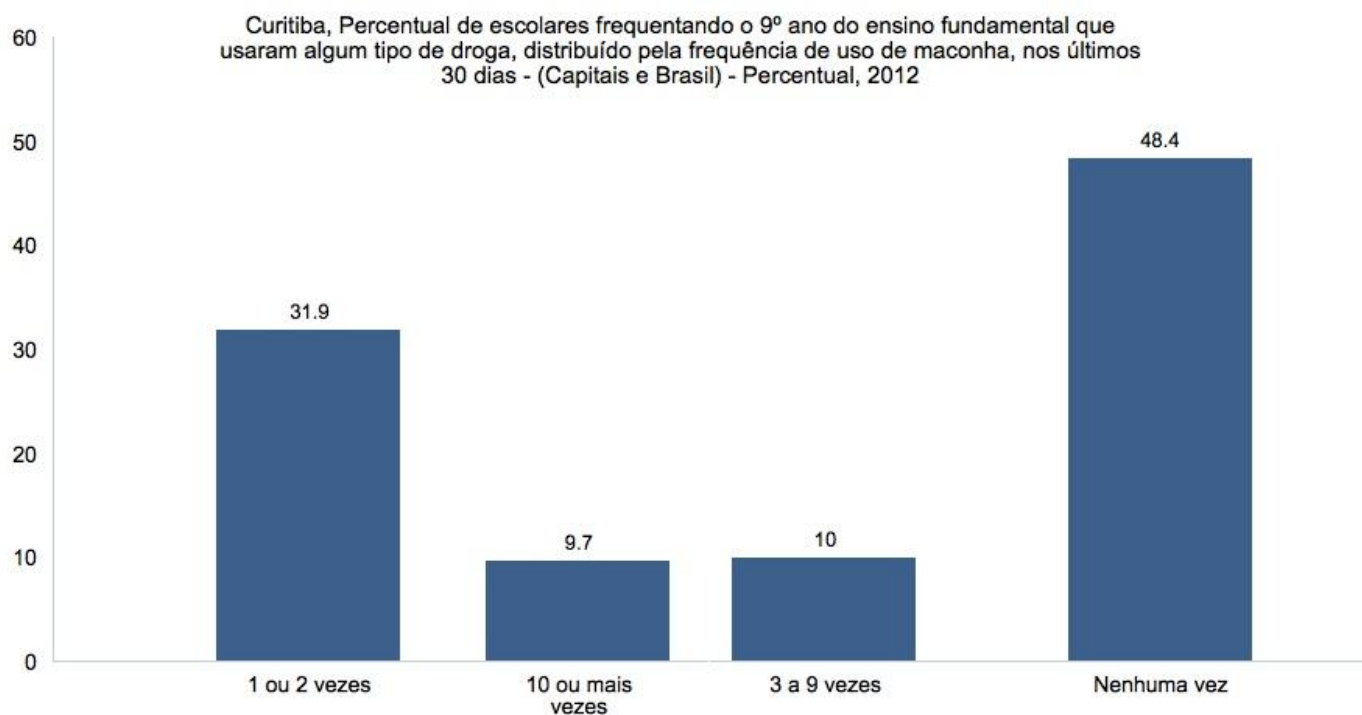


Figura 4 - Gráfico percentual de escolares frequência de uso

Fonte: IBGE

A estatística desses dados nos fazem questionar sobre como ou com o que os jovens têm ocupado seu tempo de lazer. Formiga, Melo e Leme (2013, p. 12) revelaram que “na maioria das vezes as atividades de lazer têm causado insatisfação à família e à escola, contrariando a institucionalização do limite e formação de normas sociais”. Segundo os mesmos autores os jovens não se veem livres o bastante para sentir prazer suficiente na sensação real do divertir-se, com isso atividades desviantes se tornam um desafio mais atrativo e empolgante para completar seus anseios.

Podemos observar na fala do entrevistado a seguir que o uso da maconha no parque Bacacheri é uma realidade que está posta como uma problemática relatada pela maioria dos frequentadores entrevistados, quando afirmam que esse fato interfere no jeito de se apropriar do parque:

interfere, porque se você passa na caminhada e vê aquele grupinho ali e uns já estão meio alterados, você já fica receosa. De domingo infelizmente eu não venho, não tem condições, é uma pena (Entrevistada 3).

Ou seja, para esses frequentadores fica muitas vezes inviável conviver com essa realidade do parque, conseqüentemente refletindo na forma de se apropriar do mesmo espaço público.

O trabalhador autônomo de 71 anos, que estudou até a quarta série e que trabalha com comércio de caldo de cana no parque há 7 anos, conta que:

Apesar de eles (se referindo aos adeptos do uso da maconha) não “ataca” sabe, eles só ficam falando palavrão. Moça e rapazinho tudo, adolescente né. Então eles falam palavrão e evidentemente que um pai de família não vai trazer sua família pra se misturar com essa gente né. Eles não “ataca” ninguém, eles ficam na deles mas fazendo aquilo que eles gosta de fazer, escândalo né. Então atrapalha nesse sentido aí. Ah e o cheiro também, geralmente quando antes não tava “liberado” esse treco aí, porque no meu ponto de vista já tá liberado, eles fumavam lá no canto, escondidinho, no mato, agora não, eles passam fazendo o cigarro e fumando (na pista de caminhada) (Entrevistado 2).

Mais uma vez os dados empíricos refletem a constatação de que o uso da maconha está presente nos espaços do parque Bacacheri, informação que fica cada vez mais evidente nas entrevista.

Para a lei¹⁴ brasileira de fiscalização de entorpecentes, criada desde 1938, fica clara a proibição quanto ao plantio de certas substâncias, bem como o uso ilícito delas, como explica o capítulo II no artigo 2: fica proibido em território nacional o plantio, a cultura, a colheita e a exploração, de diversas substâncias, incluindo a Cannabis sativa (ou como é popularmente chamada, maconha). Das penas no capítulo III, o artigo 28 indica que: quem adquirir, guardar, tiver em depósito, transportar ou trazer consigo, para consumo pessoal, drogas sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar, será submetido às seguintes penas: I - advertência sobre os efeitos das drogas; II - prestação de serviços à comunidade; III - medida educativa de comparecimento a programa ou curso educativo.

¹⁴ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De10891.htm

Mais rescentemente, a lei¹⁵ nº 11.343, de 23 de agosto de 2006, que institui Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – Sisnad prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas e estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas. O capítulo II no artigo 33 prevê como crime: importar, exportar, remeter, preparar, produzir, fabricar, adquirir, vender, expor à venda, oferecer, ter em depósito, transportar, trazer consigo, guardar, prescrever, ministrar, entregar a consumo ou fornecer drogas, ainda que gratuitamente, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar, com pena de reclusão de 5 (cinco) a 15 (quinze) anos e pagamento de 500 (quinhentos) a 1.500 (mil e quinhentos) dias-multa.

Ou seja, de acordo com as leis que regem o país, infrações como essas estão sendo cometidas dentro do parque Bacacheri. No entanto nos parece que há uma “cortina de fumaça” entorno dessa prática que é ilegal, mas que se parece “legal” para os que a adotam assim como uma conduta rotineira. No próximo tópico, trataremos de discutir a teoria do Lazer anormal e o conceito de Lazer desviante, assim como apontar as discussões dos momentos registrados em diário de campo e falas dos frequentadores entrevistados que ajudaram a enriquecer esse trabalho.

¹⁵ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11343.htm

4. A TEORIA DO LAZER ANORMAL DE CHRIS ROJEK E O CONCEITO DE LAZER DESVIANTE

Chris Rojek de descendência polonesa e irlandesa se formou em sociologia e fez mestrado e doutorado na linha dos estudos socioculturais. Sua afinidade com o Lazer se deu pela curiosidade em entender esse fenômeno através das observações sociais. Durante sua graduação em Sociologia, foi aluno de Norbert Elias na University of Leicester.

Em uma entrevista com Rojek, feita e publicada por CASTILHO (2014), Rojek critica os pesquisadores do fenômeno do Lazer por não tratarem das temáticas sociais mais sensíveis da população que expressa isso em seu tempo livre, como a utilização de drogas, entre outros temas polêmicos.

Rojek ainda justifica esse receio dos pesquisadores pela falsa convenção de que práticas como essas são assuntos da psiquiatria ou genética, e ressalta que:

É inquestionável que as formas de lazer anormais existem. A verdadeira questão é: por que os alunos envolvidos no Estudo do Lazer não empreendem uma análise intensiva desse fenômeno? Para além da visão positiva do Lazer que já foi discutida, eu acredito que existe uma tendência em considerar o lazer anormal como algo próximo de um distúrbio de personalidade. Em outras palavras, os pesquisadores se apropriam de um modelo médico ao pensar no lazer anormal e o consideram como algo relacionado à psiquiatria e/ou à genética. A partir disso, diversos questionamentos vêm ao meu pensamento. Por que o lazer praticado por pessoas com distúrbio de personalidade não nos interessa? Por que fechamos os olhos para possibilidades de lazer que julgamos como desviantes e/ou ilegais? Na minha opinião, se o campo do Estudo do Lazer pretende ser relevante, ele deve abranger todas as formas e práticas presentes no “tempo livre” (p. 144).

O próprio sociólogo enfatiza a importância da observação social dentro da pesquisa científica. Relata na entrevista que consumia maconha no seu tempo de lazer junto aos amigos quando mais jovem. E que desde os anos 80 e 90 se questionava o porquê do assunto sobre o uso da maconha não era discutido em conferências sobre o Lazer, além do fato de não existirem pesquisas científicas sobre o tema.

Como conta Castilho (2014, p. 144) isso levou o sociólogo Rojek a ter como inspiração os assuntos relacionados ao lazer visto como ilegal, rendendo

a definição de três formas do que ele chama de *Abnormal Leisure* ou Lazer Anormal: invasivo, mefítico e selvagem. Essas formas de Lazer Anormal são vivenciadas e interpretadas nos ambientes de tempo/espço de lazer dos sujeitos, ou seja, no tempo de não trabalho.

Entendemos a forma de Lazer Anormal Invasiva como um ato individual, em que o sujeito por si próprio acaba se mutilando, ou seja, Rojek relaciona esse conceito com o uso abusivo de drogas. Uma prática geralmente exercida por um único indivíduo e seu vício. Conceito que cabe para explicar a condição dos adeptos ao uso da maconha, porém não quando nas formas mais agressivas do uso de outras drogas. Que podem envolver demonstrações de bom humor e simpatia externamente, mas internamente o sujeito se sente inválido, a ponto de ignorar suas capacidades (ROJEK, 2011, p. 141).

Já a forma de Lazer Anormal Mefítico, se refere a crimes de ódio, no qual o melhor sinônimo para essa palavra é pestilencial ou venenoso, ou seja, uma conduta que envolve danos aos outros, geralmente praticado por uma ou duas pessoas, em que podemos elencar crimes como abuso sexual e roubos feitos com violência (ROJEK, 2011, p. 142).

O conceito de Lazer Anormal Selvagem envolve atos ilícitos de oportunismo, geralmente exercido por bando com mais de duas pessoas, um exemplo disso pode ser invasão de propriedades privadas (que envolve um misto de prazer e risco como invadir a piscina do vizinho), rachas de carros, furtos sem violência e download ilegal. A essência dessa forma anormal de lazer consiste em quebrar as regras por diversão, de forma esporádica “interpretados como resistência contra o controle social” (ROJEK, 2011, p. 143). Essa categoria se aproxima também do comportamento dos jovens no parque Bacacheri, que buscam desafio e emoção em práticas ilícitas como o uso da maconha entre outras.

Rojek deixa clara sua crítica ao modelo médico impregnado no lazer anormal, em que os momentos de “deriva” dos sujeitos são importantes e nos levam ao conhecimento da verdadeira personalidade de indivíduos perturbados psicologicamente, quando muitas vezes a deixam fruir em seu tempo de lazer, ou seja, indícios de seus anseios anormais que refletem em sua índole comportamental no tempo livre.

Rojek cita brevemente, um paralelo com o conceito de Lazer Casual de Robert Stebbins (2000), quando afirma que as três formas anormais de lazer são compatíveis com o significado de *drift* em inglês ou deriva em português, que são abordadas no conceito de Lazer Casual. O qual explica que os comportamentos não projetados dos sujeitos, ao acaso, dão funções normais ou anormais ao seu tempo livre. O autor da teoria do Lazer Anormal explica que apenas formas extremas de lazer anormal invasivo, mefítico e selvagem envolvem o desenvolvimento de carreiras e identidade desviantes.

Na página do bairro Bacacheri nas redes sociais¹⁶, o foco das publicações é frequentemente sobre o parque. Muitos comentários públicos dos seguidores da página retratam a insatisfação com o comportamento dos frequentadores que usam o parque aos finais de semana. Como retrata o comentário de uma moradora do bairro nas fotos do parque registradas em uma segunda-feira de manhã, mostrando o lixo que fica na grama depois de um domingo.



Figura 5 – Resquícios de um domingo

Fonte: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.967542339974622.1073741830.736162136445978&type=3>

O desabafo em forma de comentário nas redes sociais da moradora sobre as fotos foi: “Pois é, não é querer discriminar também mas está

¹⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/RegionalBoaVista/>

impossível no domingo, além da sujeira, a falta de respeito e a bandidagem está solta dentro do parque e próximo a região. Nunca mais fui no final de semana desde a vez que fui assaltada, foi uma escolha minha não frequentar mais, mas me corta o coração saber que um parque tão lindo e que deixa o nosso bairro tão mais atraente está ficando desse jeito e sendo frequentado por pessoas que não tem o mínimo de noção”.

Ou seja, podemos concluir através da fala dessa moradora que já foi assaltada dentro do parque, que as características das formas anormais de lazer descritas por Rojek acontecem nesse espaço de lazer.

Corroborando com esse tema PALHARES e SCHWARTZ *et al*, 2012 afirmam que:

o lazer desviante é caracterizado por condutas transgressoras à lei e aos princípios morais de uma sociedade, justificando tal comportamento pela vivência intensa ou exacerbada do lazer (STEBBINS, 1997; ROJEK, 1999a; WILLIAMS; WALKER, 2006).

Já na perspectiva de um dos entrevistados, quando questionado sobre o por que, na opinião, dele as pessoas escolhem o parque para fazer uso da maconha, afirma que:

por causa da liberdade que tem, como não tem alguma coisa que proíbe eles de fazerem esse tipo de coisa no parque, então eles usam o parque porque seria onde eles se reúnem em amigos, em colegas, ou grupo e fica muito mais fácil eles fazerem isso no parque do que escondido por alguma coisa, porque o parque se tornou um lugar público disso pra eles. Não podem proibir porque todo mundo tem o direito de ir e vir né. Então como eles sabem que não vai ser autuado por muitos serem de menor, então eles tem a liberdade, eles vem pela liberdade que tem no parque (Entrevistado 2).

A fala do entrevistado nos remete aos dados do IBGE, os quais revelam que cada vez mais cedo os jovens menores de idade estão estrando em contato com drogas ilícitas, principalmente a maconha, em que os números são maiores em duas capitais do sul do país (Florianópolis e Curitiba). Sem contar o número de menores de idade que fazem uso de bebidas alcoólicas, dado que cresce no país segundo outras fontes de pesquisa do IBGE.

Segundo os dados da PeNSE, a experimentação da bebida alcoólica em 2012 correspondeu a 70,5% para o conjunto das capitais, nível estável em relação aos dados de 2009 (71,4%). Dos escolares que já haviam testado a

bebida alcoólica, o maior percentual foi na região Sul (76,9%) e Centro-Oeste (69,8%) e menor nas regiões Norte (58,5%) e Nordeste (59,6%).

Dayrell (2002, p. 124) fala que “a centralidade da dimensão da cultura na vida dos jovens está aliada aos momentos de lazer”, e entende os diferentes estilos dos jovens contemporâneos como:

uma manifestação simbólica das culturas juvenis, expressa em um conjunto mais ou menos coerente de elementos materiais e imateriais, que os jovens consideram representativos da sua identidade individual e coletiva. Na construção de um estilo, os jovens escolhem determinado gênero musical que consomem, criam um tipo de visual e espaços próprios de diversão e atuação. Assim o estilo pressupõe o cruzamento dos campos do lazer, do consumo, da mídia e da criação cultural.

Ou seja, a juventude deve ser entendida em seu plural, como tempo de diversidades de ser e de agir, em que se desenvolve através do meio social, o mesmo meio que proporciona o seu desenvolvimento a partir de trocas de qualidades concretas.

Contudo, esses conceitos envolvem análises mais aprofundadas das relações estabelecidas entre os sujeitos que optam por práticas recreativas em seu tempo de lazer como o uso da maconha. Corroborando com isso, PALHARES e SCHWARTZ *et al*, 2012 afirmam ainda que:

ao se enfatizar uma dinâmica explicativa sobre as condutas desviantes entre os jovens, a partir dos padrões convencionais do comportamento estabelecidos socialmente e baseados na orientação cultural adotada por cada pessoa, destaca-se o papel dos atributos dos valores culturais proposto por Triandis (1995; 1996), concebidos como individualismo (o qual expressa uma tendência ao sucesso, a valorização da própria intimidade e necessidade de adequabilidade ao contexto social apenas para obter recompensas) e o coletivismo (diz respeito a uma tendência à cooperação e ao cumprimento com relação aos outros) (Gouveia, Clemente & Vidal, 1998).

Em outras palavras, as condutas desviantes, como o uso de drogas entre os jovens, expressa um comportamento hedonista, que se reflete em decisões e consequências individuais em busca de prazer imediato ou utilitário, podendo ou não partir para hábitos de adictos, ou seja, de viciados.

Enfim, não importa se trataremos do tema como lazer anormal ou desviante, sabemos que os objetos de estudos estão em nosso convívio,

prontos para serem debatidos e elucidados, atendendo as demandas de uma sociedade que busca resposta para seus comportamentos cotidianos.

5. O PARQUE BACACHERI E O FENÔMENO DO LAZER

A cidade de Curitiba atualmente possui 100% de sua população residindo em área urbana, com aproximadamente 1 milhão 879 mil habitantes estimados para 2015. A capital do estado do Paraná, segundo o último Censo de 2010, tem aproximadamente uma densidade média de 4,320 mil habitantes por Km².

O bairro Bacacheri apresenta uma média de 2,31 a 3,01 habitantes por domicílio e 23.734 mil residentes no total, sendo o 24º bairro mais populoso da cidade, dentre os 75 bairros que a Curitiba possui, representando 1,35% da população total da cidade. O bairro (pintado no mapa) faz parte da regional Boa Vista (contornada no mapa), tem em média 3,400 habitantes por Km² e ocupa uma área de 6,981 Km², que corresponde a 1,62% dentro da cidade, que por sua vez ocupa uma área total de 429,405 Km² dentro do estado do Paraná.



Figura 6 - Mapa de Curitiba

Fonte: google

Em Curitiba a média de veículos por habitante é de 1,46, já o bairro Bacacheri tem em média 0,98 veículos por habitante, correspondendo a um total de 24,120 mil veículos no bairro, como segue tabela a baixo:

Localidade	Automóvel	Moto	Ônibus	Reboque	Camioneta	Caminhão	Trator	Total
Curitiba	848.543	132.282	10.447	31.001	128.094	45.684	326	1.196.377
Bacacheri	18.404	1.750	179	529	2.778	480	0	24.120

Fonte: DETRAN-PR, 2010
Elaboração: IPPUC - Banco de Dados

Figura 7 - Tabela da média de veículos em Curitiba

Fonte: Detran- PR

Com relação às áreas verdes, o bairro Bacacheri corresponde a 1,25% do total dessas áreas da cidade, representando 18,18% da área total do bairro, que possui ainda 11 jardinetes, 2 núcleos ambientais, 1 parque e 10 praças. Um dado que revela para todos os sentidos, uma qualidade estética, pois segundo Gehl (2012 p.179) “belas cidades são cidades verdes”.

A renda média dos moradores desse bairro é de mais de 3 a 5 salários mínimos, enquanto em Curitiba a média é de mais de 1 a 2 salários mínimos. A maioria dos moradores residentes no bairro Bacacheri tem faixa etária média, entre os homens de 15 e 59 anos e entre as mulheres de 15 a 64 anos. Fato analisado também a partir das observações em diário de campo que revelaram um número expressivo de adultos praticando atividade física no parque em dias de semana, porém em contra partida esse dado se inverte aos finais de semana, quando a maioria dos frequentadores são jovens e adolescentes que vêm de outras regiões próximas ao bairro Bacacheri, que faz divisa com outros oito bairros da cidade.

Sobre o Parque Bacacheri, segundo o site da prefeitura de Curitiba, até 1970 tinha sua região conhecida como "Tanque do Bacacheri", pelo fato de abrigar um trecho de passagem do Rio Bacacheri. Na época era um movimentado local de recreação, alugado pelo proprietário do terreno, o cidadão curitibano Manoel Fontoura Falavinha, que alugava barcos a remo para passeios no lago.



Figura 8 - Tanque do Bacacheri

Fonte: Gazeta do povo (<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/nostalgia/domingos-de-antigamente-0rzzg2w8pnxy846styfvg28ge>)

Porém, com o tempo o assoreamento do tanque levou ao esgotamento do lago e consequentemente a sua desativação. Em 1988, na gestão do prefeito Roberto Requião, a área foi declarada como de utilidade pública, quando então no mesmo ano foi inaugurado o Parque Bacacheri, beneficiando os moradores da região do Boa Vista com uma vasta área de lazer.

Segundo França (2007, p. 16):

“a maioria dos parques de Curitiba surgiu, na década de 70, na gestão Lerner. Naquele período havia uma grande preocupação por parte da Prefeitura com a questão ambiental, principalmente para conter as sempre desastrosas enchentes, ocasionadas pelas cheias dos principais rios que irrigavam a cidade, como os rios Belém, Passaúna, Iguaçu, Bacacheri, entre outros que, por sua vez, não davam conta da drenagem natural”.

O portal de entrada do parque com base em pirâmides de concreto e arcos em tubos de ferro, construído para o acesso principal do parque, pela Rua Paulo Nadolny, foi feito para representar a entrada do paraíso, através dos bons fluídos das pirâmides, compondo um harmonioso conjunto de arcos nas cores amarela, laranja, vermelha, que representam a expansão da alegria no interior do parque, mas quase como uma contradição, foi todo cercado com muros de tela por segurança há algum tempo.



Figura 9 - Arco do Parque Bacacheri

Fonte: Google (http://4.bp.blogspot.com/-nKCeziD8Hd8/UHti_-4CpUI/AAAAAAAAACM4/f1BWWqTDjjY/s1600/PARQUES-SET-2012+040.JPG)

As medidas técnicas do parque, que é alimentado por uma fonte de água potável, também se encontram no site da prefeitura. O parque tem uma área total de 152.000 m², só o lago artificial ocupa uma área de 22.000 m².

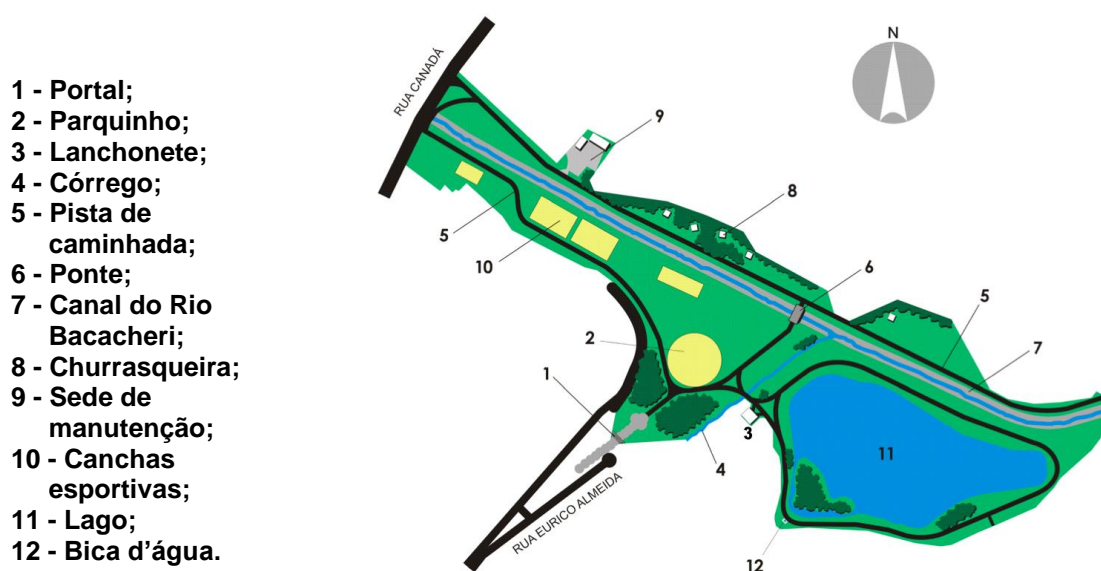


Figura 10 - Mapa do Parque Bacacheri

Fonte: SMMA (2015)

A fauna do parque é composta por animais como frango-d'água, marreca-pé-vermelho, jaçanãs, saracuras, garças, socós. Já a flora abriga pinheiro do Paraná, canelas, aroeiras, açoita-cavalos, constitui-se ainda de eucaliptos, pinus, ipês amarelos, acácia-mimosa, nêspera, uva-japão, corticeiras.



Figura 11 - Paisagem do Parque Bacacheri

Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Dentre os equipamentos de lazer do parque, podemos listar 4 canchas de areia, sendo duas com traves de futebol e duas com poste para rede de vôlei. Nem todas possuem refletores de iluminação e em dias chuvosos acumulam imensas poças de água.



Figura 12 - Quadra de areia 1

Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Em relação à iluminação, com a revitalização que o atual prefeito propôs na cidade, conseqüentemente nos parques, o anoitecer não é um empecilho para a realização de práticas corporais e atividade física no parque. A pista e os demais espaços do parque ficam bem iluminados.



Figura 13 - Foto do parque a noite

Fonte: Arquivo pessoal (2015)

O parque possui ainda 5 churrasqueiras compostas cada uma por uma mesa com bancos, uma lixeira e ganchos para redes de descanso (nas observações foi notado que uma churrasqueira se encontra inutilizável por conta de sua localização ser afastada e estar sendo tomada pelo mato do entorno do parque).



Figura 14 - Modelo de churrasqueira do parque

Fonte: Arquivo pessoal (2015)

O único parquinho infantil do parque, possui conjuntos de brinquedos de madeira e de ferro (como 1 escorregador, quatro balanças, três gangorras e um trepa-trepa de madeira. O parquinho é composto por bancos ao redor e por piso de areia grossa e rala que em dias de chuva forte não suportam absorver tanta água e acabam por formar poças que dificultam o seu uso.



Figura 15 – Parquinho

Fonte: Arquivo pessoal (2015)

O espaço do parquinho, quando está muito encharcado, às vezes acaba perdendo a vez na escolha das crianças, que optam por se aventurar nos equipamentos da academia ao ar livre (fato registrado em diário de campo). E até mesmo se torna menos atrativo, para as crianças, que a imensidão de areia das quadras de esporte.



Figura 16 - Quadra de areia 2

Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Assim como o parquinho o piso das 2 academias ao ar livre que o parque possui, misturam areia e pedriscos no seu piso também, o que facilita a absorção da água, porém em períodos chuvosos não evitam poças d'água.



Figura 17 - Academia ao ar livre

Fonte: Arquivo pessoal (2015)

O parque ainda possui uma lanchonete/bar (que vende bebida alcóolica) onde se encontram os únicos dois banheiros do parque, um masculino e outro feminino.



Figura 18 - Lanchonete/bar

Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Um módulo da Guarda Municipal instalado dentro do parque tem uma boa localização, proporcionando uma visão privilegiada do todo. Os guardas sempre em dupla fazem rondas pelo parque a pé, de bicicleta e de moto pela pista de caminhada. Durante o período de observação, foram registrados alguns momentos em que os guardas saíram da “casinha” para rondar (fato retratado por um dos entrevistados que reclamou das poucas vezes que presenciou os guardas rondarem o parque). Isso já era uma reclamação desde a pesquisa de França (2007) que retratou algumas demandas do parque.

Segundo um dos entrevistados que trabalha todos os dias no parque cuidando da jardinagem, ao se referir sobre a atuação dos guardas no parque, afirma que:

os caras que fumam ficam perto dos matos ali também. De difícil acesso, mas o engraçado é que a guarda municipal faz vista grossa, qualquer um que passa ali sabe que eles tão fumando maconha, eles tão na cara deles, você acha que eles não vê isso? (Entrevistado 1)



Figura 19 - Guardas rondando

Fonte: Arquivo pessoal (2015)

O parque Bacacheri antigamente funcionava como passagem de pedestres que o utilizavam como atalho, ainda quando seu funcionamento era interrupto, até que em 2014 quando por medidas de segurança, o horário de

funcionamento do parque passou a ser das seis horas da manhã até às dez horas da noite, todos os dias da semana.

Outra mudança na rotina do parque foi a implantação de duas torneiras de água instaladas perto das quadras de esporte, fato registrado como reclamação desde a pesquisa de dissertação de França (2007, p.51), quando revelou que a população da época, que utilizava o parque (composta por representantes da Associação de Moradores do Bacacheri) reclamou da falta de torneiras nos “bebedouros” perto das quadras. Isso mostra como a população tem voz e quando unida pode reivindicar melhorias para seus espaços e equipamentos públicos de lazer.

Embora as torneiras e os bebedouros já estejam um tanto que negligenciados, ainda servem como fonte de água para os praticantes de atividade física nas quadras de esporte (fato comprovado em diário de campo).



Figura 20 - Modelo de bebedouro

Fonte: Arquivo pessoal (2015)

O parque ainda possui outra fonte de água que tinha uma placa dizendo ser fonte potável, mas há pouco tempo a placa foi retirada, fato que gerou discussão na internet através das redes sociais em que moradores da

cidade questionaram a veracidade dessa informação, na página da prefeitura de Curitiba no *facebook*. Atualmente, a fonte que gerava água supostamente potável se encontra seca. Diferente da foto registrada por França, 2007, quando moradores do entorno enchiam galões de água para levar para suas casas.



Figura 21 – Fonte de água em 2007

Fonte: FRANÇA, Rodrigo de. Curitiba, 2007

Outro episódio registrado em diário de campo sobre essa fonte de água foi quando a mesma havia sido pintada recentemente e três jovens (parecendo ser menores de idade) passaram e picharam a fonte com canetão preto, como segue foto recente tirada. Mais uma transgressão de regras observada no parque protagonizada por jovens.



Figura 22 - Fonte de água

Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Sob a ótica da acessibilidade, o parque garante o acesso pelas entradas niveladas, por ser plano e linear na maioria da pista de caminhada. Porém pela falta de banheiro adaptado acaba se tornando de difícil acesso para cadeirantes, idosos ou pessoas com mobilidade reduzida, por exemplo. Assim como o piso das academias ao ar livre não é propício a condições acessíveis a todos, por ser de pedriscos (tipo mais utilizado, pois ajuda na drenagem da água da chuva) o que não facilita a entrada de uma cadeira de rodas, por exemplo. Outras adaptações seriam necessárias para considerar o parque totalmente acessível, como sinalizações táteis na pista de caminhada para deficientes visuais e de placas adaptadas em braile.



Figura 23 - Placa sinalizadora

Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Contudo, os frequentadores do parque Bacacheri são atraídos pela beleza natural do espaço e pelo contato com a natureza que este proporciona, fato retratado pela maioria dos entrevistados quando questionados sobre o que mais apreciam no parque. Até mesmo em dias frios de inverno o parque não deixa a desejar.

Como relatam os entrevistados, o que mais apreciam no parque Bacacheri é “a beleza do parque” (Entrevistado 5), “a beleza e a estrutura do parque” (Entrevistado 21), “tudo, tudo, o espaço para caminhada, as quadras, o espaço para alongar, a pista de caminhada, é muito gostoso” (Entrevistado 4).

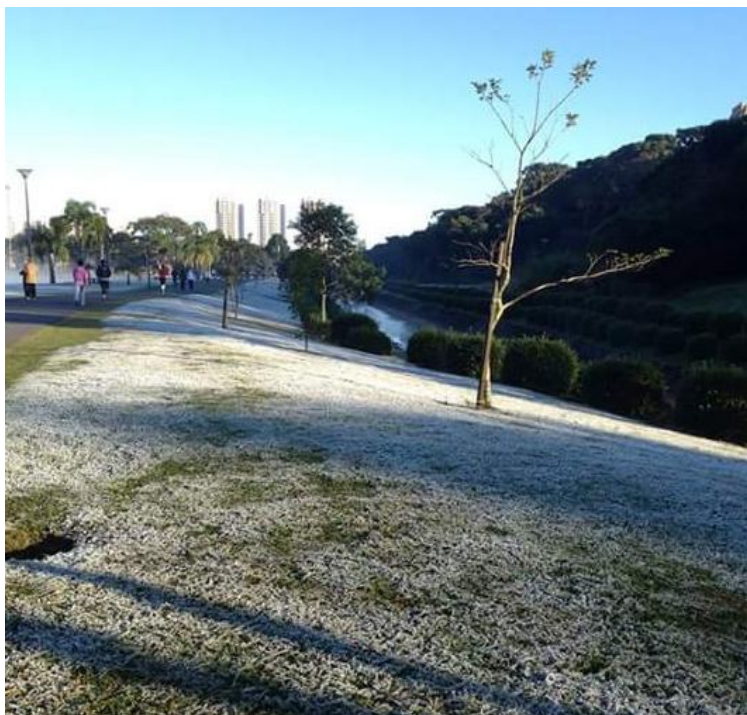


Figura 24 - Parque no inverno

Fonte: Arquivo pessoal (2015)



Figura 25 - Lago do parque no inverno

Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Quanto às formas de apropriação e uso do parque, observamos outras práticas corporais diferentes das recorrentes (caminhada, corrida, skate, patins,

bicicleta, pipa etc.), como festa de aniversário de bebês roda de violão, encontro de escoteiro, piqueniques e a prática do nautimodelismo.



Figura 26 – Nautimodelismo

Fonte: Arquivo pessoal (8/8/15 sábado 16h38 2015)



Figura 27 – Momentos de lazer no parque

Fonte: Arquivo pessoal (8/8/15 sábado 17h04 - 2015)



Figura 28 - Sábado no parque

Fonte: Arquivo pessoal (8/8/15 sábado 16h46 - 2015)

Podemos perceber que o parque não perde totalmente sua essência aos sábados, porém o mesmo não deixa de ter presente o decorrente uso da maconha, fato que foi observado acontecendo ao mesmo tempo que essas outras práticas. Podemos concluir que a ocorrência do incomodo que os frequentadores entrevistados comentam é realmente mais sentida aos domingos no parque. Como relatam os próprios moderadores da página do bairro Bacacheri nas redes sociais, fazendo uma sátira sobre o domingo no parque, assim como os comentários publicados sobre a foto que retratam o desabafo dos frequentadores dizendo não chegar nem perto do parque aos domingos:



Figura 29 – Sátira das redes sociais

Fonte: <https://www.facebook.com/RegionalBoaVista/photos/a.780949348633923.1073741829.736162136445978/1042432325818956/?type=3&theater>

Então, é a partir do olhar para o parque Bacacheri e da compreensão dos seus espaços e suas formas de apropriação, assim como suas transformações e seus sentidos e significados atribuídos, que podemos entender as possíveis relações sociais que se estabelecem nele.

De acordo com Sennett (2008, p. 373) “a forma dos espaços urbanos deriva de vivências corporais específicas de cada povo”. Rólnik (2012, p. 18) corrobora com essa ideia afirmando que “o desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota o seu mundo”.

Para Santos (2014, p. 59) “a cidade aparece como uma semente de liberdade [...] representa a possibilidade do homem livre, da liberdade de escolha”. Portando a cidade é muito mais que um projeto arquitetônico destinado a abrigar corpos e empresas ou comércios, ela possibilita aos sujeitos uma vida pública a partir de seus espaços públicos, que oportunizam estabelecer vínculos ativos com a cidade e o meio social.

Segundo Levebvre (2001, p.134):

o direito a cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação estão implicados no direito à cidade.

Ou seja, a cidade se renova a partir dos seus sentidos, dos direitos que ela concede, os quais muitas vezes mudam no decorrer das demandas que a sociedade cria, em que os conflitos e as problemáticas fazem parte desse processo.

Entendemos assim a dinâmica dos espaços e as atuações sociais que neles ocorrem desde o modo como são vistos, ouvidos e sentidos, gerando reações de aproximações ou distanciamentos socialmente interpretados. (SENNETT, 2008).

O termo espaço definido por Santos (1988) é:

uma estrutura social dotada de um dinamismo próprio e revestida de uma certa autonomia, na medida em que sua evolução se faz segundo leis que lhe são próprias. Existe uma dialética entre forma e conteúdo, que é responsável pela própria evolução do espaço.

Sendo assim, compreendemos como lugar, aquele espaço dotado de significados pelo sujeito que se apropria, humanizado por suas vivências. (TUAN, 1983). Rechia e França (2006, p.63) corroboram com essa perspectiva, afirmando que “[...] espaço e lugar são componentes básicos do mundo vivo. Assim, o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”.

Dentro das multifuncionalidades da cidade está o tempo/espaço de lazer, onde o espaço público vira palco para o surgimento de suas diversas facetas, como as práticas indesejáveis, ilícitas, ou desviantes. Tratamos de definir o lazer segundo Mascarenhas (2001, p. 92) como “fenômeno tipicamente moderno, resultante das tensões entre capital e trabalho, que se materializa como um tempo e espaço de vivências lúdicas, lugar de organização da cultura, perpassado por relações de hegemonia”.

Tempo, espaço, manifestações culturais e atitudes, são elementos abordados por Gomes (2003) ao definir o fenômeno do lazer, nos remetendo ao conceito de “atitude” a outra definição feita por Marcellino (1990), que entende a necessidade de se educar para o lazer, em que o sujeito precisa da

atitude para poder fazer suas escolhas. Fato importante ao se tratar do uso da maconha, escolha relacionada no contexto do jovem que faz uso dessa prática em meio à diversidade de um espaço público de lazer, ou seja, nos questionando se o mesmo não foi educado para fazer outras escolhas em seu tempo livre.

Ainda segundo o mesmo autor, muitas vezes se relaciona o lazer como um “oásis de tranquilidade”, porém sabemos que suas relações sofrem problemáticas como em outras áreas de convívio social. O convívio com a violência, a falta de segurança, e outros fatores, são imprescindíveis no momento da escolha no tempo/espaço de lazer das pessoas, tornando suas próprias casas, seus refúgios de lazer, investindo em equipamentos que as tonem mais atrativas (MARCELLINO *et al.*, 2007).

Como relata uma das entrevistas quando questionadas sobre o que poderia ser feito quanto ao uso de maconha no parque:

além das autoridades tomarem maiores providencias, acho que poderia ter mais atividades no parque, para os jovens terem mais opções do que fazer. As vezes tem algumas coisa de atividades no parque, dá movimento, é legal, bacana, eu acho que ajudaria uma política de lazer. Não tem muitas opções pra eles né, e de alguma forma tem que suprir as necessidades do jovem, então seria uma grande saída. Os jovens precisam ocupar mais a mente. Mas é tanta coisa também que eles precisam né, estudar mais, sei lá. Algumas educações vem de dentro de casa, a gente tenta orientar os filhos, minha filha é pequena e já é difícil competir com a tecnologia, é difícil controlar (Entrevistada 4).

Ou seja, na visão da frequentadora do parque, uma maior diversidade de atividades propostas por órgãos públicos, poderia ajudar na tarefa dos jovens em escolher como querem ocupar o seu tempo de lazer. Tempo importante, pois segundo Marcassa e Mascarenhas (2010, p. 35) o fenômeno do lazer compõe:

uma esfera da vida cotidiana atravessada pelas mesmas forças que atuam na sociedade em sua totalidade, configurando-se na medida em que estabelece interfaces com a dinâmica mais ampla da economia, da política e da cultura.

Esse fenômeno estabelece assim, muitas vezes, o estilo de vida¹⁷ das pessoas, podendo resultar no reflexo de uma sociedade estratificada que se expressa sob forma de padrões de consumo, hábitos e rotinas, que caracterizam seus aspectos comportamentais em uma forma de vida adaptada ao dia-a-dia na cidade.

Então, quando pensamos na ideia de “escolha” dos indivíduos em seus tempos e espaços de Lazer, podemos afirmar que essas preferências retratam seu estilo de vida. A partir disso, faremos relações desses conceitos e fenômenos pensando nos diferentes tipos de apropriação dos frequentadores do parque Bacacheri.

Contudo, deixamos claro que o intuito não é afastar ou proibir a apropriação desses jovens nos espaços da cidade, apenas procurar oferecer também como alternativa, outros lugares e projetos de intervenção diferenciados, que sejam atrativos diante do turbilhão de anseios que passam na cabeça dos jovens da sociedade moderna, que muitas vezes procuram nas drogas “emoções” que não encontram nos espaços públicos de lazer das cidades ou muito menos nos espaços das escolas.

¹⁷ Entendido como “modo de se exprimir os pensamentos e atitudes, utilizando palavras, expressões, comportamentos, condutas que identificam e caracterizam determinados grupos sociais ou mesmo o próprio indivíduo”. PALMA, A.; BAGRICHEVSKY, M. Estilo de vida. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Org.) Dicionário Crítico da Educação Física. Ijuí: Unijuí, 2010. p. 179-181.

6. OS ARRANJOS DO PARQUE EM DIA DE SEMANA: UM EQUILÍBRIO

O cotidiano do parque Bacacheri nos dias de semana é retratado conforme descrição de diário de campo como:

esse horário no parque observa-se que a maioria das pessoas está utilizando os espaços para fins de práticas corporais como caminhada, corrida e alongamento. Assim como registrado em outros dias de observações, há a presença de uma assessoria esportiva com colchonetes e cones, contendo mais ou menos 10 alunos. Algumas outras pessoas utilizam o parque como passagem, por exemplo, uma senhora passando com sacolas de compras do mercado próximo ao parque, e alguns poucos se encontram sentados nos bancos descansando/contemplando. (Diário de campo, terça feira dia 4/8/15 as 9h50).

Diferente dos finais de semana, o parque de segunda a sexta se encontra “calmo”. No silêncio do dia pode-se ouvir até mesmo o barulho dos pássaros, o que possibilita uma maior sensação de contato com a natureza reportada pela maioria dos entrevistados.

Em todos os dias de semana, se observou pelo menos uma pessoa andando de bicicleta, de patins ou de skate na pista de caminhada, fato que comparado aos finais de semana se multiplica consideravelmente e é um dos fatores que mais causa estranhamento aos frequentados dos dias de semana.

Pela fala de um dos entrevistados, morador da região e frequentador do parque a mais de 25 anos, quando questionado sobre o que não aprecia no parque, o mesmo relata que aos finais de semana:

o que eu menos aprecio são as bicicletas, os skates e os patins que disputam a pista com as pessoas que estão caminhando. Eles não respeitam nem as pessoas idosas, uma vez uma senhora chegou a falecer depois de ter sido atropelada por uma bicicleta em alta velocidade. Por isso fica impossível vir para o parque sábado e domingo a tarde. Eu mesmo não venho mais, venho só dia de semana fazer meu exercício porque sou diabético e quando chove muito sinto falta quando não venho (Entrevistado 6).

Podemos constatar a partir dos registros em diário de campo e confirmar pela fala desse entrevistado que atrelado ao aumento do uso da maconha, também ocorre uma ascensão significativa no número de bicicletas, skates e patins no parque aos finais de semana, especialmente no domingo. Assim como um notável aumento de pessoas no parque.



Figura 30 - Momentos no parque

Fonte: Arquivo pessoal (domingo 17h04 - 2015)

Contemplando na fala do mesmo entrevistado, entendemos a importância que o parque tem para ele, pois quando nos dias chuvosos não podem ir, sentem muita falta desse bem estar que o parque proporciona. Como conta o mesmo entrevistado quando questionado sobre o que mais aprecia no parque, qual a sugestão para melhoria deste e se frequentar esse espaço lhe causa alguma diferença física ou emocional, respondeu que:

sim, faz muita diferença, é um remédio para mim, venho sempre sozinho mas encontro muitos conhecidos aqui. É um bem estar para mim, estar em contato com a natureza é muito bom isso aqui. Minha sugestão é que colocassem mesinhas para os aposentados jogarem dama e truco, tem pouca coisa para os aposentados aqui (Entrevistado 6).

Pelas duas falas do entrevistado, podemos perceber que o parque nos dias de semana é apropriado pelos “conhecidos”, por moradores da região e do entorno que se encontram utilizando o parque com os mesmos interesses, ou com interesses parecidos, com fim nas práticas corporais e na atividade física propriamente dita.

Partindo do pressuposto de que práticas corporais são extensões da vida humana, a mesma vida que brinca, dialoga, e vive nos espaços sociais

habitáveis da cidade, Lazzarotti et al, 2010 define o termo prática corporal como:

uma expressão que indica diferentes formas de atividade corporal ou de manifestações culturais [...] estes movimentos ou atividades vão desde as mais tradicionais, até as ressignificadas, indicando ou não uma relação com a Educação Física (práticas corporais diárias; cotidianas; humanas; de diferentes culturas) (p. 24).

Ou seja, os dias de semana funcionam de forma rotineira e em ritmo moderado. Como explica Gehl (2012, p.89) “vitalidade e tranquilidade são qualidades urbanas desejáveis e valiosas. Paz e tranquilidade são altamente valorizadas em uma cidade vivas e ativa”.

Outra conclusão que podemos tirar a partir da fala desse entrevistado é com relação às poucas ofertas de espaços e equipamentos destinados as diferentes idades e interesses das pessoas que frequentam o parque. Parece que quando se pensa na construção de um parque os equipamentos essenciais sempre são um parquinho infantil, uma pista de caminhada e atualmente a academia ao ar livre. Muitas vezes deixando de lado algumas demandas simples da sociedade, como a desse senhor de 77 anos, que sugeriu colocar mesas para os aposentados jogarem baralho e jogos de tabuleiro.

Já nos dias de semana, o fato das bicicletas que eventualmente utilizam a pista de caminhada não interfere significativamente na rotina do parque, assim como os cães, os skates e os patins que transitam pelos mesmos espaços em comum.

Um dos funcionários do parque, responsável pela jardinagem e pela limpeza, conta que:

olha sinceramente, não aprecio a convivência de cães nesse espaço que deveria ser só de atividade física, não acho legal animais no meio de gente. Os donos não recolhem os dejetos deles, alguns são mal educados e não se importam com isso (Entrevistado 1).

Para Gehl (2012, p.109) “a cidade deve ser inclusiva, com espaço para todos”. Ou seja, quem sabe falte na cidade espaços específicos, até mesmo dentro dos parques, para cada tipo de frequentador. Como exemplo do popularmente chamado de “parcão”, um espaço público de grama em Curitiba,

localizado atrás do museu Oscar Niemayer, que se tornou específico para encontro de cães, onde os pets e seus donos se apropriam de forma inclusiva.

A exemplo de parque fora do Brasil (nos Estados Unidos) que tem espaços cercados exclusivos para cães, assim como fonte de bebedouro para os pets.



Figura 31 - Fonte de água para animais

Fonte: Google



Figura 32 - Espaço cercado para animais

Fonte: Google

Ainda sobre os fatos registrados em diário de campo nos dias de semana no parque, foi constatada a presença de adeptos ao uso da maconha em espaços mais escondidos do parque. Fato que em alguns dias de semana a noite podia ser constatado pelo cheiro característico da maconha que exalava pelo parque, especificamente em um dos cantos cheio de árvores que à noite fica muito escuro, sendo propício para tal prática, aos adeptos que resolvem se “esconder”.

observou-se dois jovens mais novos (parecendo menos de idade) entrando em um dos espaço mais escuros do parque, já haviam outros jovens lá no fundo, esses parecem ser maiores de idade, um deles aparece mais por estar de camiseta branca, outro fato constatado é que estão fumando maconha pelo cheiro característico que se espalha pelo ar (Diário de campo segunda-feira dia 10/08/15 as 19h32).

A foto a baixo é desse local, só que tirada à luz do dia e sendo apropriado por outras pessoas em um dia de sábado no parque.



Figura 33 - Espaço do parque

Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Nas primeiras observações, o foco era nesse espaço a cima, pois foi onde notamos a presença da maioria dos adeptos da maconha na maior parte das vezes, porém com o tempo se percebemos que havia outros espaços escolhidos para isso também. No caso desse espaço a baixo, os frequentadores adaptaram bancos onde utilizavam para sentar em grupo a fim de fumar, fato observado também pela grade de proteção que se encontra modelada anatomicamente para se encostar.



Figura 34 - Banco “adaptado”

Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Outros dois espaços do parque foram registrados, sendo esses escolhidos pelos sujeitos fazendo uso da maconha, fato registrado em diário de campo onde foram observados diversos jovens fazendo uso da maconha nesses espaços. A foto abaixo é o registro de um desses espaços e dos únicos muros do parque que se encontram pichados.

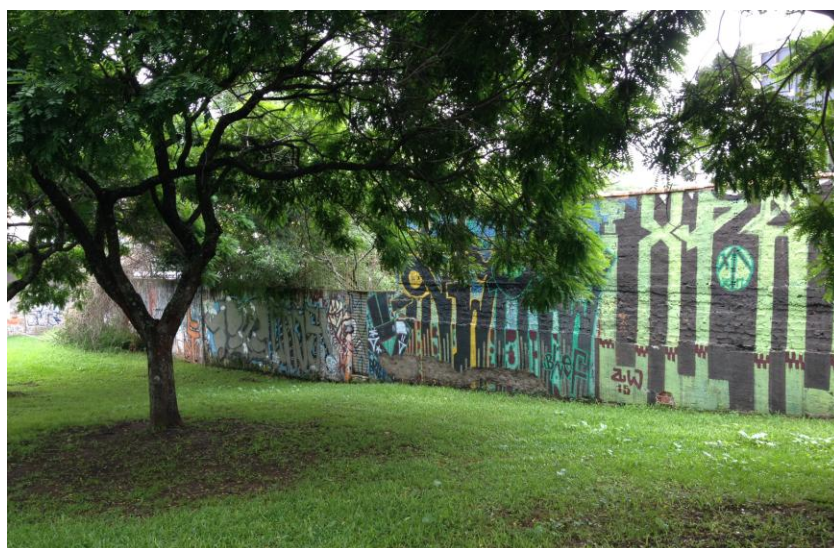


Figura 35 - Espaço do parque com muro pichado

Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Esse outro espaço da foto, também de muro pichado, foi considerado propício através das observações como também de fato utilizado para o uso de drogas como explica um dos entrevistados:

Eles se enfiam no meio daquele mato ali também. Lá no meio tem umas trilhas lá que eles vão consumir drogas. Nem entre lá que não é aconselhável, tem espaço pra tudo quanto é lado ali pra dentro (Entrevistado 1).

O entrevistado se refere à foto a seguir, na qual podemos notar ao fundo um buraco de entrada para o mato ao redor do parque, já com uma trilha bem definida no chão.



Figura 36 – Beco

Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Outro espaço significativamente abandonado pelo parque é umas das churrasqueiras que foi tomada pelo mato do entorno, se tornando um espaço vazio, considerada propícia ao uso de drogas por se encontrar mais afastada.



Figura 37 - Churrasqueira abandonada

Fonte: Arquivo pessoal (2015)

A partir desses registros, podemos observar uma notável diferença nas formas de apropriação e uso do parque nos dias de semana quando comparadas aos finais de semana como discutiremos a seguir.

7. OS (DES) ARRANJOS DOS FINAIS DE SEMANA NO PARQUE: UMA TENSÃO

Em se tratando da cidade e suas atividades, a partir de um viés antropológico, Magnani (2009), propõe considerar:

os atores sociais não como elementos isolados, dispersos e submetidos a uma inevitável massificação, mas que, por meio de usos vernaculares da cidade (do espaço, dos equipamentos, das instituições) em esferas do trabalho, religiosidade, lazer, cultura, política, vida associativa, estratégias de sobrevivência, são os responsáveis por sua dinâmica cotidiana. Postulo partir dos atores sociais em seus múltiplos, diferentes e criativos arranjos coletivos, isto é, das estratégias que eles utilizam para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas, através de comportamentos que não são erráticos, mas apresentam padrões discerníveis (p.136)

Com as contribuições de Magnani e o entendimento de espaço, como sendo um sistema de valores que vem se transformando constantemente em respostas às necessidades atuais da sociedade contemporânea, podemos interpretar os (des)arranjos dos finais de semana no parque Bacacheri como sendo um palco onde o mundo físico coletivo, constituído a partir de vivências corporais em que o sujeito através do seu próprio “eu”, se representa conscientemente em movimento (SANTOS, 2014).

Ou seja, “o espaço se impõe através das condições que ele oferece” (idem p.55). No caso do parque aos finais de semana, o que está se impondo nos determinados espaços é a predominância de jovens e adolescentes adeptos do uso da maconha e o afastamento dos frequentadores de dia de semana do parque, como relata um dos entrevistados:

no horário que a gente vem dia de semana não aparece muito esse pessoal assim, usuário. Agora, a gente já veio aqui no parque domingo daí eu já vi um monte de piazada usando e tal. Mas sei lá, de um modo geral, não só em relação a maconha como de qualquer coisa, eu tenho a seguinte postura, desde que eles não representem assim nenhum tipo de interferência ou até mesmo assim, como eu posso falar, uma forma de ameaça para as outras pessoa que estão no parque, tudo bem. Agora a partir do momento que a pessoa começa a ficar inconveniente e começa a incomodar, daí é chato já. É chato ter que respirar, sentindo o cheiro da maconha, porque você vem para fazer uma prática saudável, daí tem que ficar

sentindo o cheiro, até de cigarro mesmo né. Muito por isso a gente nem vem mais sábado a tarde e domingo a tarde, a gente cancelou. Também porque o parque fica muito cheio, você não consegue fazer nada. É muito complicado. Sábado e domingo de manhã ainda dá pra vir, mas a tarde é impossível. (Entrevistado 16).

Para Taun (2001, p.59) são “[...] nas brechas que se encontram os lugares do possível, isto é, anuncia-se a possibilidade de outra apropriação do tempo”. Ou seja, podemos entender que as transgressões às regras entre os jovens no parque Bacacheri se justificam pela motivação ou necessidade de se ter o sentimento de liberação das obrigações, da vida cotidiana restritiva, nessas brechas.

Como retrata a foto a baixo, mostrando claramente que os jovens se sentem a vontade no parque, preparando cigarros de maconha no meio da pista de caminhada, como se não quisessem esconder de ninguém que estão transgredindo as regras.



Figura 38 – Preparando o cigarro

Fonte: Arquivo pessoal (domingo, 15h41 - 2015)

Um dos entrevistados quando questionado sobre o que pensa acerca do assunto da maconha no parque relata que:

na minha época de geração wood stock, quando eu tinha meus 20 anos eu também já fumei maconha, mas eu acho que o importante é isso, independente que seja maconha ou alcool,

você tem que aprender a respeitar os outros que não querem usar. Porque na minha época as coisas eram diferentes. Naquela época fumar maconha era para curtir uma música com sentimento de paz e amor, mas a geração de hoje está com mais agressividade, tudo hoje está mais violento. Eu acho que uma coisa hoje muito pior que a maconha também são as drogas químicas usadas nas baladas pelos jovens, que muitas fazem estragos irreversíveis no cérebro da pessoa. Assim como um outro tipo de “droga” como o celular, nos grupinhos quando ninguém conversa só troca mensagens (Entrevistado 15).

A fala desse participante nos remete novamente a forma de lazer anormal selvagem que frequentemente é um fenômeno de multidões e tem por essência celebrar excessos de comportamentos, indo além dos limites normais. A percepção desses sujeitos é de que a “sociedade civilizada” se isola de certas formas de prazer físico, psicológico e social, fazendo-os experimentar o rompimento dos bons costumes, ou seja, o prazer em transgredir regras. Em casos específicos, o incentivo de usar se agressão física e violência pode estar envolvido com o sentimento de se ganhar respeito e reconhecimento por parte do agressor, como recompensa não adquirida em outros meios como no trabalho (ROJEK, 2011, p. 145).

Formiga, Melo e Leme (2013, p.1) explicam que a bagagem cultural da juventude vem herdada dos pares sócio normativos, ou seja, é transmitida e difundida pela família, familiares e escola. Os autores afirmam que “a orientação cultural e os hábitos de lazer explicam as condutas desviantes”, condutas essas explanadas dentre inúmeras variáveis, como biológicas, sociais e psicológicas. Nesse sentido, os mesmos autores afirmam que uma relação comunicativa com os familiares e professores, estabelecendo um laço afetivo satisfatório nas diferentes fases de desenvolvimento dos jovens, é uma condição essencial para se prevenir futuramente comportamentos que permeiam a delinquência.

Diante disso, Certeau (1994 p.198) corrobora com esse assunto afirmando que:

a delinquência social consistiria em tomar o relato ao pé da letra, tomá-lo como princípio da existência física onde uma sociedade não oferece mais saídas simbólicas e expectativas de espaços a pessoas ou grupos, onde não há outra alternativa a não ser o alinhamento ilegal, ou seja, uma forma ou outra de prisão e a errância do lado de fora.

Essa delinquência, assim chamada por Certeau, pode estar expressa no cotidiano dos finais de semana no parque, em que os jovens se sentem mais empoderados do espaço. Esse episódio aconteceu em um domingo à tarde e foi registrado em diário de campo:

ao subir pela pista de caminhada em direção a umas das entradas do parque (retratada na foto 30), com a finalidade de contornar toda a extensão do parque, mantenho contato visual com três garotos encostados na grade do parque e ao passar por eles ouço “vai um” aí moça?”(se referindo a um cigarro de maconha). Eu já passando digo “não obrigada” e presencio os mesmos três garotos oferecendo também a um jovem que passa com uma garota e uma criança no colo, que responde aos garotos “não cara, já sai dessa” (Diário de campo domingo dia 04/10/15 as 14h05).

A partir desse registro cotidiano do parque, podemos perceber que os indivíduos adeptos a prática do uso da maconha, não parecem respeitar os limites aceitáveis perante um convívio social dentro de um espaço público. Nesse episódio específico, retratado em um dia de final de semana no parque, podemos notar que os indivíduos adeptos ao uso da maconha se sentem mais empoderados por estarem em maioria e se identificarem com os outros sujeitos que frequentam o parque aos finais de semana.

Após esse episódio, fui até o módulo da guarda municipal localizado dentro do parque e questionei a um dos guardas sobre a política que eles adotavam com esses jovens, ele respondeu que fazem uma aproximação até os jovens, dão sinal de abordagem e dão uma autuação verbal, mas que não têm muito o que fazer, pois segundo as palavras de um dos guardas “esse fato já tomou conta do parque e está difícil controlar”.

A partir desses dados constatados, percebemos que a questão passa além dos limites de cinesfera¹⁸ psicológica e pessoal aliada à noção física de espaço que cada ser humano tem, ao respeitar o espaço alheio, assim como saber até aonde vai o seu próprio limite espacial imaginário.

Durante os períodos de observações no parque aos finais de semana, foi registrado em fotos o modo como os jovens se reúnem lá a fim de fumar

¹⁸ O conceito de cinesfera “refere-se ao espaço físico tridimensional ao redor do corpo, alcançável ao estender-se sem que seja necessário transferir seu peso (p.183)”. FERNANDES, C. O corpo em movimento: o sistema Laban / Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas. São Paulo: Annablume, 2006.

maconha. Contudo esses momentos eram difíceis de registrar, se tornando um desafio parar e focar na foto tais grupos observados. Porém seguem alguns desses momentos registrados em imagens.



Figura 39 – Jovens reunidos

Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Nesse registro, podemos observar os jovens reunidos na grama enquanto uma criança passa de bicicleta olhando atentamente. Esses mesmos jovens foram observados fazendo uso da maconha, assim como de bebidas alcoólicas no parque nesse mesmo local.

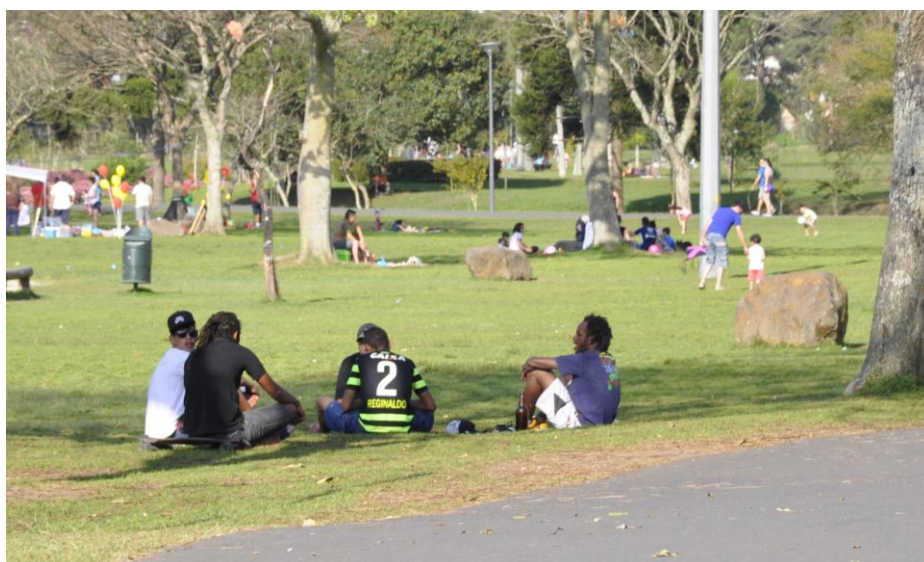


Figura 40 – Roda de jovens

Fonte: Arquivo pessoal (2015)

A próxima foto retrata mais uma roda de jovens que por sua vez também estavam fazendo uso da maconha, assim como de bebidas alcoólicas no parque nesse lugar fotografado.



Figura 41 - Jovens bebendo

Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Em uma reportagem do Jornal Paraná online¹⁹, intitulada “Insegurança no Parque” em específico o Bacacheri, a conclusão é de que nos finais de semana, a aparente tranquilidade se dissipa e o lugar se transforma. Como conta o proprietário da lanchonete do parque: “O Parque Bacacheri se transforma em ‘Balneário Bacacheri’. É como se todo mundo das redondezas viesse para cá para extravasar. A molecada compra bebida no mercado em frente, que vende álcool para menores de 18 anos. É triste ver garotos de 14 anos bêbados. Tem confusão, briga, drogas, muito som alto. Vira um baile funk. Não adianta proibir a entrada, vai dizer que não podem frequentar um lugar público?”

Formiga, Melo e Leme (2013, p. 9) na tentativa de elucidar o comportamento desviante desses jovens menores de idade, que escolhem fazer uso de bebidas alcoólicas e drogas no seu tempo de lazer, afirmam que:

¹⁹ Disponível em: <http://cacadores.parana-online.com.br/bacacheri/inseguranca-no-parque/>

a compreensão sobre os motivos que levam os jovens a manifestarem uma conduta desviante sugere explicações que contemplam variáveis biológicas, sociais, e psicológicas, bem como, à volta de um insistente debate epistemológico quanto a ser este um problema inato ou adquirido.

Ou seja, um dos fatores que motiva essa vontade dos jovens em transgredir regras são os sentimentos de adrenalina e emoção em burlar normas, dentro de espaços urbanos da cidade, onde existem leis a serem seguidas. Os mesmos autores entendem que o que motiva o comportamento desviante:

é justamente este prazer em burlar as regras e ultrapassar os limites éticos que caracteriza o lazer desviante, um dos desafios a serem ainda elucidados dentro da complexidade dos aspectos psicológicos envolvendo o lazer (p. 190).

Segundo um dos entrevistados, adepto ao uso da maconha no parque, questionado se acha que o fato de fumar maconha incomoda outras pessoas e interfere no modo delas se apropriarem do parque, o jovem de 19 anos relata que:

acho que incomoda sim, interfere, porque só pelo fato da gente tá fumando maconha vão achar que é bandido. Me sinto discriminado, pois as pessoas acham que somos vagabundos, de rua, já querem chamar a polícia sem a gente ter feito nada (Entrevistado 17).

A fala desse jovem entrevistado retrata o stigma em torno da prática do uso da maconha por parte da sociedade. Porém através de mais um relato de outro jovem entrevistado, ao afirmar que depois de alguém fuma maconha a reação não é de agressividade, mas sim de tranquilidade:

na minha opinião eu acho que tem muita gente que não gosta de ver maconheiro no parque né, muita família e tal, mas pra mim é indiferente ver a galera fumado no parque, mas acho que o parque é pra família né, não pra galera que vai lá pra beber e encher a cara. Na verdade é muita questão de bom senso, você tá no parque você não vai fumar na cara de uma criança, você tenta se preservar né. Mas tem umas pessoas que acham que maconheiro depois que usa vai querer te assaltar, mas cara se você for ver, depois que fuma o cara vai querer te dar um abraço, não vai querer te assaltar (risos) (Entrevistado 21).

Os jovens afirmaram na entrevista já ter usado maconha muitas vezes no parque Bacacheri, porém atualmente não fazem mais uso dessa substância

com tanta frequência. Eles afirmaram que o parque era escolhido como ponto de encontro para reunir os amigos, e que optavam pelo parque por ser bonito e proporcionar o contato com a natureza:

escolho o parque porque é bonito, por sentir mais perto da natureza, e também por ser mais perto de casa daí fica mais fácil de marcar como ponto de encontro com os amigos. Também me sinto apropriado do parque sim, e por que não podemos fumar maconha andando e vendo a beleza do parque também? O parque não foi só feito para fazer atividade física, muitas pessoas vão no parque só para ficar sentando no bar tomando cerveja, ou como em qualquer espaço público como a rua, que também é pública, é de todos. (Entrevistado 17).

O outro entrevistado também de 19 anos, disse que escolhia os espaços do parque para usar maconha com os amigos por também se sentir apropriado do parque e por questões de segurança:

o parque é um espaço bonito, pra sociedade é um espaço legal, pô a área verde é massa os bichinhos, eu me sinto apropriado do parque, nasci na região e cresci aqui, já treinei futebol americano no parque e tal. Eu escolhia em especial o parque pra fumar, porque tem tipo uma segurança né, um espaço fechado, porque fora é complicado. E também pra encontrar os amigos, lugar público é melhor mais sossegado, ao ar livre a fumaça sai. (Entrevistado 21).

Ou seja, podemos entender na fala desses jovens adeptos ao uso da maconha que os mesmos escolhem os espaços do parque para fumar, pois também se sentem no direito de poder contemplar a beleza do parque, assim como usufruir da segurança que o mesmo gera para eles.

Quanto aos fatores que podem impactar diretamente ou indiretamente na apropriação dos espaços públicos das cidades, podemos elencar também o quesito segurança. Como explica Gehl (2012, p.91) “sentir-se seguro na cidade é uma qualidade urbana essencial. É crucial para que as pessoas abracem o espaço urbano [...] seja em termos de segurança vivida ou presenciada”.

No caso desse jovem que elencou o quesito segurança na hora de escolher o parque para fumar maconha, podemos relacionar esse fato com o estigma que os adeptos dessa prática sofrem perante a sociedade. E que por esse motivo escolhem espaços para fumar onde possam se acomodar no fato de que não vão ser excluídos, expulsos ou banidos do lugar. Ou seja, escolhem espaços em que o uso da maconha já seja de certa forma comum e

tolerável por todos. Esse dado revela a contradição do sentimento e percepção de segurança que cada um sente, pois apesar do jovem relatar que se sente seguro fumando no parque, os outros frequentadores muitas vezes não se sentem confortáveis muito menos seguros com a presença deles lá.

Já, analisando o que jovens pensam sobre a legalização ou descriminalização da maconha, percebemos que o discurso vai além do senso comum, os jovens têm opiniões formadas sobre a legalização:

Nós respeitamos as pessoas assim como queremos respeito. Legalizando ou não as pessoas vão continuar usando (Entrevistado 17).

Eu sou a favor da legalização, porque 10 mil anos de uso sem se quer uma morte né, e legalizando e tal dá pra fazer um monte de tratamento né, na medicina. Acho que tinha que ser uma coisa como no Uruguai, lugar específico pra comprar e poder plantar tantos pés, acho que é o mais certo pra se fazer, e é uma evolução utópica pra gente (Entrevistado 21).

Marcellino (2006, p.18) mostra a classificação em seis áreas de interesses no lazer, as primeiras apresentadas por Dumazedier (1979): interesse manual, artístico, social, intelectual e físico esportivo e posteriormente atualizadas por Camargo (1998) que incluiu o interesse turístico e por Schwartz (2003) que introduziu o interesse virtual.

Os interesses se resumem em atividades que envolvem: emoção, sentimento, informação, vivências, conhecimento vivido e experimentado, movimento e exercício físico, artesanato, cuidados com jardinagem e com animais, viagens, busca por diferentes costumes culturais, relacionamentos e encontros que prezem o convívio social, assim como interesses tecnológicos.

Segundo Dumazedier (2003, p.15) “o uso das drogas é introduzido numa mudança de valores associado ao lazer [...] com a produção de tempo livre aparecem as atividades e os novos valores do lazer: nova maneira de viver, novos modos de expressão do corpo, o direito ao sonho”.

Um outro adepto ao uso da maconha que utiliza todos os dias há mais de 7 anos, e que afirma sentir melhoras de saúde especialmente para artrose que possui, atualmente tem como renda extra uma loja online de produtos de tabacaria, especialmente artigos usados para fumar maconha, diz que:

eu escolho a praça perto da minha casa para fumar por ser um espaço grande e aberto, o cheiro não fica impregnado, e também caso alguma autoridade chegar é só jogar fora e fica

tudo certo. As pessoas de fora com certeza se incomodam, passam longe, olham um cara fumando e já estigmatizam, já acha que é drogado. Eu caracterizo fumar como total lazer, depois que você fuma fica em casa e vai assistir tv, jogar um vídeo game, é coisa de outro mundo, muito bom (Entrevistado 22).

Na perspectiva desse entrevistado, o uso da maconha se encontra como um hábito diário muito prazeroso. Característica da ideologia positiva normal do “nosso” lazer, a qual os pesquisadores da área mais se prendem, que segundo Rojek é definida como “uma condição de liberdade individual, escolha e satisfação com a vida onde a condição de fruição é realizada”. Diferente da perspectiva entendida como negativa, no caso o lazer patológico como chama o autor, em que “atividades livremente escolhidas que ocorrem no tempo livre, que envolvem formas negativas de comportamento e tem consequências negativas são tratadas como patologias”. As quais na maioria das vezes são isoladas do campo do lazer e tratadas como condições de doenças (ROJEK, 2011, p. 141).

Segundo o mesmo entrevistado, quando não fazia o uso da maconha se achava bastante tímido e conta também o que pensa sobre o assunto da legalização:

Eu sempre fui meio introvertido, depois que comecei a fumar fiz muito mais amigos, alguns interesseiros né, que são dependentes de mim para fumar. Descriminalizar ou legalizar sou totalmente a favor para o aspecto social, criando regimentos, e para todos que gostam de fumar também (Entrevistado 22).

Contudo, não obstante ao uso da maconha, o abuso de drogas lícitas, para maiores de idade no Brasil, como o álcool e o tabaco, revelam dados alarmantes publicados por uma pesquisa²⁰ recente da Universidade do Texas nos Estados Unidos. A pesquisa objetivou identificar qual a primeira substância psicoativa usada por adolescentes nos EUA, qual o impacto inicial do uso dessas drogas na vida dos jovens e quais as chances de levarem ao policonsumo de substância ilícitas. Os pesquisadores constataram que o álcool

20

Disponível

em:

<http://onlinelibrary.wiley.com/store/10.1111/josh.12351/asset/josh12351.pdf;jsessionid=7687977C229A489CBEB63443BA660CDE.f02t03?v=1&t=ijm6fl04&s=6085f5c75bc1821f60b41583ab260ea39cea2d4e>

é a substância mais utilizada, antes mesmo do tabaco e da iniciação a maconha. Os entrevistados que relataram ter tido o primeiro contato com o álcool por volta dos 12 anos têm expectativa de uso por mais tempo e com mais frequência do que estudantes que começam a ter contato com essas substâncias depois dos 17 anos ou mais tarde. A pesquisa mostrou que 46% dos jovens relataram fazer uso de álcool antes dos 11 anos, apenas 25% o uso de cigarro, 6% usaram maconha e 2% usaram cocaína.

A pesquisa ressalta a importância da triagem escolar para uso dessas substâncias, desde o ensino fundamental, indicando começar com programas de prevenção escolar desde o terceiro ano do ensino fundamental.

Formiga, Melo e Leme (2013, p.12) concluem que os jovens vivenciam inúmeras atividades em seu tempo livre, as quais têm uma “característica funcional comum de sociabilidade e bem estar psicossocial” assim como enriquecimento sócio intelectual principalmente nessa fase da vida.

No parque Bacacheri, as observações revelam que as práticas mais frequentes entre os jovens que fazem uso do parque aos finais de semana é o uso do álcool, narguilé e da maconha.



Figura 42 – Jovens bebendo e fumando narguilé

Fonte: Arquivo pessoal (domingo, 15h44 - 2015)

Podemos entender o uso da maconha como sendo um aspecto da “revolução cultural do lazer” seja como um símbolo cultural ou como mais um utensílio da moda de uma geração hedonista, cobiçado e desejado por inúmeros jovens. Ou seja, as drogas recreativas estão postas como forma de lazer da modernidade.

8. O ACORDO SILENCIOSO QUE EXPULSA

Ao citar Marx, Lefebvre (1969, p.141) diz que segundo o referido autor a sociedade só cria problemáticas que ela mesma pode resolver:

a humanidade só levanta problemas que ela pode resolver, escreveu Marx. Atualmente, alguns acreditam que os homens só levantam problemas insolúveis. Esses desmentem a razão. Todavia, talvez existam problemas fáceis de serem resolvidos, cuja solução está aí, bem perto, e que as pessoas não levantam.

Ou seja, na tentativa de resolver o problema do incomodo que sentem no parque, os moradores do entorno e frequentadores dos dias de semana no parque, em decisão coletiva e silenciosa, cedem o parque aos finais de semana para a juventude da região que usa o espaço como ponto de encontro no parque para extravasar suas expectativas sociais.

A partir da fala do entrevistado abaixo, podemos constatar que evidentemente a maioria dos frequentadores do parque aos finais de semana não são moradores do entorno do parque. São moradores de regiões mais afastadas, como também da região metropolitana da cidade, entendidas pelo sujeito entrevistado como pessoas de menor poder aquisitivo. Na opinião dele quando questionado sobre se o fato de usarem maconha nos espaços do parque incomoda ou interfere no modo das pessoas se apropriarem, relata que:

acho que sim, com certeza. Incomoda tanto que eu vou te falar uma coisa pra você, aqui em dia de domingo 80% é “eles” (se referindo aos adeptos do uso da maconha), e os outros 20% é gente que é de uma classe mais baixa que não tem muito conhecimento que vem pro parque, mas as pessoas de bem que tem um alto nível de cultura, não vem um. Não vem um, porque eles não se mistura, não mistura a família deles (Entrevistado 2).

Porém, esse tratado, mesmo que já estabelecido silenciosamente e de comum acordo, na perspectiva de uma entrevistada é ruim ter que compactuar com isso, pois ela gostaria de poder se sentir bem no parque aos finais de semana, até tenta, mas desiste, pois não é confortável:

final de semana aqui é muita bagunça, muita gente de fora. É muita algazarra, muita gritaria de gurizada e fumam um monte de porcaria aí e bebem. Então essa parte eu não curto mesmo, procuro não vir final de semana, é muito desconfortável. Uma vez ou outra a gente quer trazer um parente de fora que veio visitar, mas não dá (Entrevistada 4).

Para Rojek (2011, p. 146) “em alguns casos, os valores da sociedade mudam, e o que é tido como atividade anormal em um período se torna normalizado”. Porém, o outor afirma ainda que “há evidências de que o afrouxamento das proibições contra o uso de drogas pode aumentar a pressão sofrida pelos integrantes dos grupos para experimentá-las e se envolver”.

Ou seja, a melhor opção talvez não seja fazer “vista grossa” e deixar o uso de drogas no espaço público continuar acontecendo como está. Medidas de regulamentação podem ser mais efetivas, tornando o tempo das pessoas fora do trabalho uma experiência completa para todos os envolvidos, e não de degradação social dos que usam drogas e dos que se privam de ir aos espaços por falta de segurança ou de fiscalização as normas.

Na opinião de um dos entrevistados quando questionado sobre se existe algo que não aprecia no parque, ele conta que:

olha, o que eu não aprecio. Aqui é pouca coisa que eu aprecio. Quase tudo eu não aprecio. Aqui o parque hoje não é um parque de lazer. Aqui acredito eu que em primeiro lugar falta segurança, o povo tem medo. Entende. E depois vem essa turma que fuma maconha, bebe né, e daí afugenta as pessoas do bem. Dia de semana o parque é normal. Sábado e domingo aí já começa a turminha que o povo não se mistura (Entrevistado 2).

Dentre vários domingos de observações no parque, em um deles registramos a presença de dois módulos itinerantes da polícia militar, instalados em duas entradas do parque.



Figura 43 – Policiamento

Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Um das equipes de policiais estava abordando um grupo de jovens dentro do parque, todos parecendo ser menores de idade. Ao passar pelo grupo sendo revistado, juntamente com suas respectivas mochilas, o que se percebeu foi um clima de tensão.



Figura 44 – Jovens sendo abordados

Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Na própria opinião de um dos jovens adeptos ao uso da maconha, ele mesmo não acha muito convidativa a transformação que acontece no parque aos finais de semana, e reconhece que muitas famílias estão deixando de ir ao parque nesses períodos:

eu acho ruim agora nos fins de semana na real, o parque fica muito cheio não dá pra fazer nada, tem tipo uma galera que meu Deus do céu, vai sei lá, só pra zoar. Muita família está se privando de ir final de semana. Mas na verdade ao mesmo tempo, vai bastante do jeito de quem fuma né, as pessoas já estão se acostumando um pouco, não é mais tão chocante quanto antes ver uma pessoa fumando maconha no espaço público (Entrevistado 19).

Para Rojek (2011, p. 146) “no que diz respeito à maconha, as evidências sugerem que já existem altos índices de tolerância na sociedade ao uso da droga como um recurso de gestão emocional. A droga não é mais rotulada como necessariamente viciante, nem como um risco à vida”. Na opinião de alguns entrevistados esse dado se confirma, pois alguns afirmam

serem flexíveis quanto a esse fato, enquanto não incomodar diretamente a sua rotina:

enquanto não tiver agressão física por parte dos maconheirinhos contra as pessoas que estão frequentando o parque, tá tudo certo, mas mesmo assim não deixa de incomodar né. É uma agressão visual eu acho (Entrevistada 6).

Apesar de alguns frequentadores sustentarem essa opinião de que “enquanto não me incomodar diretamente eu não me importo que usem maconha no parque”, a maioria das opiniões e relatos recolhidos, da população que utiliza o parque, pensa que não é conveniente o uso da maconha nesses espaços de lazer:

final de semana a piazada fica bebendo, estão se divertindo, né? Mas pra quem tem criança, nós estamos em outra fase, mas pior que a gente já fez isso, só que na nossa época era mais *light*. Não era nada explícito. A droga mesmo, a maconha, o narguilé, não tinha nada disso, a gente não via (Entrevistada 6).

final de semana acho que o parque perde seu objetivo (Entrevistada 20).

principalmente no cair da noite, a gente percebe que é complicado. A gente frequenta pouco aos finais de semana por causa dessas situações. De domingo aqui eles tomam conta. Tem muita família, só que a gente vê mais os viciados, aquelas turminhas mesmo de “maloca”, não dá né? (Entrevistada 3)

Outra sátira sobre o parque nas redes sociais, também retrata a tensão entre o acordo silencioso que se estabelece no parque, a partir dos comentários dos frequentadores que assumem não usar mais o parque principalmente aos domingos. A revolta deles fica subentendida nos comentários, por serem obrigados a se privar de um espaço público, pois não se adaptam com a convivência entre os diferentes perfis da população que faz uso do parque.



Figura 45 – Sátira do parque nas redes sociais

Fonte: <https://www.facebook.com/RegionalBoaVista/photos/a.736374149758110.1073741828.736162136445978/928555287206661/?type=3&theater>

Ao buscar decifrar essas falas, podemos entender a interpretação do parque aos finais de semana por parte dos frequentadores, e ao mesmo tempo, podemos concluir que de certo modo, todos os frequentadores entendem o acordo feito silenciosamente. Ou seja, apesar da tensão a sociedade se organiza de forma pacífica e independente.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não podemos negar que o uso da maconha faz parte do cotidiano dos espaços públicos das cidades, e que em muitos casos já é uma prática tolerada pela sociedade, porém pode não ser aceita por uma grande parcela da população, como retrataram as falas de frequentadores do Parque Bacacheri através das entrevistas que foram concedidas no decorrer desse trabalho.

Na perspectiva do senso comum acredita-se que lugares abandonados são muito mais propícios para o uso de drogas, como ruas mal iluminadas e construções abandonadas. No entanto, percebemos que quando se trata do uso da maconha esse fato não se relaciona perfeitamente. Visto que, atualmente há uma notável apropriação dos adeptos do uso da maconha em praças bem cuidadas, parques frequentados por crianças, idosos e com manutenção em dia, assim como praias lotadas e até mesmo em um grande engarrafamento de carros na rodovia.

Contudo, podemos afirmar a partir dos dados dessa pesquisa que os espaços mais afastados de dentro do parque estão também incluídos, pelo fato de serem escolhidos para o uso de drogas.

Nesse contexto, compreendemos que a partir desse estudo foi possível entender as relações estabelecidas entre os diferentes grupos sociais que convivem nos mesmos espaços públicos de lazer, mas que tem interesses singulares.

Conhecendo de perto como se dão essas relações, como especialmente, o uso da maconha no espaço público, almejamos que esses dados possam ser discutidos com os de outras pesquisas sobre os espaços públicos das cidades, para que futuramente proporcione maiores conexões sobre esse assunto pouco estudado.

Acreditamos que um papel fundamental nesse contexto é o das políticas públicas, em incentivar pesquisas que investiguem as necessidades dos frequentadores dos espaços públicos, a fim de sanar suas demandas. Sendo uma ação fundamental para promover e almejar uma cidade democrática e harmoniosa.

Para Gehl (2012, p.109) as cidades devem ser vivas e devem ter sustentabilidade social:

para alcançar sustentabilidade social, as tentativas das cidades devem extrapolar as estruturas físicas. Se a meta é criar cidades que funcionem, os esforços devem concentrar-se em todos os aspectos, do ambiente físico e das instituições sociais aos aspectos culturais menos óbvios, que pesam na forma como percebemos os bairros individuais e as cidades urbanas.

O fato de muitas cidades não terem sustentabilidade social, pode estar também diretamente ligado ao tempo de lazer *versus* o tempo de trabalho das pessoas, dado que se estende também a outros fatores muitas vezes responsáveis pelo esvaziamento do espaço público. Consequentemente enaltecendo shoppings e espaços privados da cidade que priorizam o lazer de consumo.

Ainda segundo o mesmo autor, “as boas cidades têm em si oportunidades para brincadeiras e para auto expressão. Muitas vezes, as soluções mais simples são as mais convincentes” (p.159).

Ou seja, as ofertas que as cidades propõem com relação ao mercado global de práticas corporais, muitas vezes são funcionalistas. O fato é que as políticas públicas de lazer na cidade não devem se corromper a um modelo clichê de prestação de serviço a comunidade. Como afirmam SILVA e DAMIANI, 2005:

grande parcela das iniciativas no âmbito das políticas sociais para o uso do tempo livre, mesmo aquelas públicas e não privatistas, se filiam a uma concepção funcionalista, fundada no adestramento e na repetição dos movimentos, promovendo a disseminação de uma certa lógica instrumental no trato com o corpo (p.19).

Um fato que pode estar diretamente ou indiretamente ligado também à desapropriação de parques e praças das cidades, pode ser exatamente a política funcionalista. Gestores que criam espaços e equipamentos de lazer que não condizem com as expectativas dos cidadãos que buscam nesses espaços públicos um sentido para seu tempo livre. Mas que muitas vezes se deparam com canchas de futebol com areia rala e alagadas, assim como pistas de caminhada estreitas e lotadas, disputadas entre skates, bicicletas, patins e cachorros, entre outras mazelas.

Nesse sentido, podemos afirmar que a Educação Física também assume papel fundamental nisso, podendo atuar nesses espaços públicos de lazer mais afastados ou esquecidos, tornando-os úteis para o desenvolvimento

de práticas corporais ligadas a hábitos saudáveis da população. Atualmente, podemos citar algumas práticas corporais emergentes que podem contribuir para enriquecer essa relação com a cidade e seu cidadão, como o Parkour, Slackline, práticas circenses, atividades de arborismo e trilhas entre outras. Nessa perspectiva o Futsac²¹ também se encaixa, pois necessita de pouco espaço para ser realizado, e ao mesmo tempo atrai o público jovem que busca novos desafios, e no caso desses dois esportes o desafio está em ultrapassar os limites corporais e as habilidades motoras.

Porém não necessariamente, apenas o esporte ligado as práticas corporais de interesse físico/esportivo, são a única saída para recuperar espaços esquecidos, seja nos parques ou em outros espaços da cidade, que acabam se tornando propícios ao uso de drogas. Nesse sentido a parceria com políticas públicas de lazer é fundamental para elaboração de programas efetivos de (re)apropriação ou utilização desses espaços.

Como também cabe a nós professores, prestar mais atenção nos interesses pessoais de cada ser humano que trabalhamos e a partir de suas escolhas dialogar sobre o que pode ser certo ou errado, encaminhando o futuro de uma juventude que não nasce com sua própria orientação cultural, mas sim adquire a partir das relações que cria. Nesse sentido, os professores assumem uma responsabilidade importante, podendo educar seus alunos para que estes saibam fazer escolhas em seu tempo de lazer, diante de um leque de práticas corporais aprendidas e adquiridas como bagagem cultural no decorrer de suas vivências. Ou seja, cabe ao professor de Educação Física a importância de educar para e pelo lazer, buscando instigar a sensibilidade de cada sujeito com relação ao sentimento de pertencimento para com os espaços públicos da cidade. Como também incrementar o pensamento crítico de seus alunos a partir do entendimento indispensável do tempo e espaço de lazer como direito essencial para o desenvolvimento coletivo e pessoal da sociedade. Enfim, cabe

²¹ O Futsac, acrônimo de “Futebol de Saco”, é o primeiro esporte oficialmente criado na cidade de Curitiba, no estado do Paraná e o sexto no Brasil. Inicialmente concebido como jogo, atualmente é um esporte oficializado. Jogado em uma quadra de 10m por 5m e uma rede de 1,50m, o diferencial é sua bolinha específica, chamada futsac, recheada de plástico granulado e envolta por crochê feito a mão. (MACHADO, G. C. Esportivização de um jogo: os protagonistas da consolidação do Futsac e a relação dessa prática corporal no âmbito escolar na cidade de Curitiba. 2013. 46f. Monografia. Universidade Federal do Paraná. Curitiba – PR).

ao professor passar instruções que contribuam para que os sujeitos zelem por uma vida de qualidade e lutem pelo seus direitos sociais, como o de uso dos espaços com qualidade.

Outra alternativa que poderia contribuir, é a potencialização dos espaços das escolas como afirma Fonseca (2014):

entre os tempos/espacos possíveis e disponíveis para a ocorrência do lazer nas cidades, principalmente nos grandes centros urbanos, as escolas poderiam possibilitar, além dos aprendizados relacionados aos conhecimentos formais, aprendizagens adquiridas por meio do lazer e do universo lúdico (p.14).

Após as reflexões desse trabalho sobre o comportamento desviante dos jovens em seus momentos de lazer, concluímos que um possível interesse desses adolescentes seria no lazer que podemos chamar de inebriante. Aquele que extasia, ocasiona êxtase, enleio, que é ludibriante, que seduz, engana, que é ilusório. Ou seja, um sentimento de euforia e evasão do real, em que o prazer está ligado a sensações de liberdade. Sentimento esse que os jovens buscam através de drogas psicoativas, mas que é igual ou parecido com outras atividades de lazer que também proporcionam tais sensações. As quais muitas vezes podem ser encontradas em práticas de aventura na natureza que envolvem riscos e adrenalina, como os esportes radicais.

Para Marcellino (2006, p.18), a escolha das práticas de lazer, que satisfazem os interesses das pessoas, está ligada à informação e às alternativas que o lazer oferece.

Entender essa perspectiva do interesse no lazer inebriante faz sentido, pois como explica Formiga, Melo e Leme (2013, p.12) pois:

os jovens não se sentem suficientemente satisfeitos com a diversão estabelecida por instituições e/ou pares sócio-normativos que procuram institucionalizar a melhor forma de se divertir, isto é, os jovens não se sentem livres o bastante para buscar o prazer e a sensação real do divertimento, tangenciando o que é cultural e exigido para que eles tenham como experiência, tonando-se assim, a condição do desvio como algo divertido.

Nesse sentido, podemos entender a maconha como uma droga sociável, que os jovens do parque Bacacheri utilizam para se estabelecer em seus grupos sociais, mas que não necessariamente podem desenvolver carreiras

desviantes e nem partirem para o policonsumo de drogas. Ou seja, se desmistifica a ideia do uso da maconha ser “porta de entrada” para outras drogas, o que a pesquisa na Universidade do Texas comprovou ao afirmar que quem assume esse papel de *gateway* na vida dos jovens é o álcool. Podemos concluir então que, no caso do parque Bacacheri, o desejo dos jovens em transgredir as regras estabelecidas se dá na forma do consumo de álcool por menores de idade e pelo uso de maconha.

Assim concluímos essa pesquisa, após dissertarmos sobre as relações mútuas que acontecem nos espaços do parque Bacacheri, estabelecidas por seus frequentadores e suas diversas formas de uso. Revelamos opiniões importantes de cidadãos que fazem parte de uma sociedade democrática cada vez mais “antenada” sobre os assuntos do fenômeno do lazer na cidade, buscando sempre o seu espaço.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, T. **Almanaque das drogas** – 2. Ed. – São Paulo: Leya, 2014.

ASSIS, T. S. **A PRIVATIZAÇÃO NO PARQUE BARIGUI**: possíveis influências na apropriação dos espaços e equipamentos de lazer. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba 2014.

BANDNEWS FM Curitiba. **Moradores reclamam de consumo de drogas durante o dia no parque do Bacacheri** <<http://bandnewsfmcuitiba.com/moradores-reclamam-de-consumo-de-drogas-durante-o-dia-no-parque-do-bacacheri/>> acesso em: 14/05/2015

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BARRY, A. E.; et al. **Prioritizing Alcohol Prevention**: establishing alcohol as the gateway drug and linking age of first drink with illicit drug use. Journal of School Health - January 2016, Vol. 86, No. 1 2015, American School Health Association.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em:<http://www6.senado.gov.br/con1988/CON1988_05.10.1988/CON1988.htm> Acesso em: 16/03/2015.

BORJA, J. **La ciudad conquistada**. Madrid: Alianza Editorial, 2003.

CASTILHO, C.T. **ENTREVISTA COM CHRIS ROJEK**: percurso acadêmico e aproximação com os estudos do lazer. Revista Brasileira de Estudos do Lazer. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.133-149, jan./abr. 2014.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. (1.Artes de fazer). Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

CURITIBA, Portal da Prefeitura de Curitiba Parques e Bosques: **Parque Bacacheri**. <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/parques-e-bosques-parque-bacacheri/291>> Acesso em: 05/04/2015.

DAYRELL, J. **O rap e o funk na socialização da juventude**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 117-136, jan./jun. 2002.

DUMAZEDIER, J. **As drogas e a revolução social do Lazer**. Licere, Belo Horizonte, v.6, n 2, p.11-19, 2003.

FONSECA, F.R. **Os espaços de lazer do Colégio Estadual do Paraná: possíveis espaços de aprendizagem para o uso da cidade no tempo/espaço de lazer**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba 2014.

FORMIGA, N.S. et al. **Pares sócio-normativos, orientação cultural, hábitos de lazer e condutas desviantes**: verificação de um modelo teórico em jovens. Revista de Psicologia. Universidade Antioquia. Vol. 5.No. 1. Enero-Junio de 2013.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. **Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde**: contribuições teóricas. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, 2008.

FRANÇA, R. **Diálogos entre oferta e demanda**: uma análise da relação entre o poder público e os grupos de ativismos sociais referentes aos parques da cidade de Curitiba. 2007. 134p. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

GEHL, J. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

GOMES, C. L. **Significados de recreação e lazer no Brasil**: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964). Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA (IPPUC). Nosso bairro Bacacheri. <<http://www.ippuc.org.br/nosso%20bairro/anexos/35-Bacacheri.pdf>> Acesso em: 22/10/2015.

JACOBS, J. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LAZZAROTTI FILHO, A. Et al. **O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física.** Porto Alegre: Movimento v. 16, n. 01, p. 11-29, janeiro/março de 2010.

LEFBVRE, Henry. **O Direito à cidade.** Trad. J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Editora Documentos, 1969.

LUCHIARI, M. T. A categoria espaço na teoria social. **Revista Temáticas**, Campinas, ano 4, n. 7, p. 191-238, jan./jun. 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Etnografia como prática e experiência.** Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MARCASSA, Luciana Pedrosa; MASCARENHAS, Fernando. Lazer. In: **Dicionário Crítico de Educação Física.** Fernando Jaime González; Paulo Evaldo Fensterseifer. (Org.). Ijuí: Unijuí, 2010, v. 1, p. 255-259.

MARCELLINO, N. C.; BARBOSA, F. S.; MARIANO, S. H.; SILVA, A.; FERNANDES, E. A. O. **Espaços e equipamentos de lazer em região metropolitana: o caso da RMC - Região Metropolitana de Campinas.** Curitiba: Opus, 2007.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação.** Campinas: Papirus, 1990.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do Lazer**: uma introdução. 4. Ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2006.

MASCARENHAS, F. **Lazer e trabalho**: Liberdade ainda que tardia. *In*: SEMINÁRIO "O LAZER EM DEBATE", 2, Belo Horizonte. *Coletânea*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária/CELAR/DEF/UFMG, 2001, p. 81-93.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2000.

MINAYO, M. C. S. ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005

OLIVEIRA, S. DOLL, J. **Serious Leisure**. Movimento, Porto Alegre, v. 18, n. 01, p. 325-338, jan/mar de 2012.

PALHARES, M. R. S. SCHWARTZ, G. M.et al **Lazer, agressividade e violência**: considerações sobre o comportamento das torcidas organizadas. Motriz: rev. educ. fis. vol.18 no.1 Rio Claro Jan./Mar. 2012.

PARKER, H. WILLIAMS, L. ALDRIDG, J.**The Normalization of ‘Sensible’ Recreational Drug Use**: Further Evidence from the North West England Longitudinal Study. Sociology, Thousand Oaks, Volume 36. Number 4. November 2002.

PIMENTEL, G. G. A. **Esportes na natureza e atividades de aventura**: uma terminologia aporética. ev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 687-700, jul./set. 2013

PINSKY, I. PAZINATTO, C. **Álcool e drogas na adolescência**. São Paulo: Contextos, 2014.

RECHIA, S. **Parques públicos de Curitiba: a relação cidade-natureza nas experiências de lazer.** 189f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

RECHIA, S. FRANÇA, R. **O estado do Paraná e seus espaços e equipamentos de esporte e lazer:** apropriação, desapropriação ou reapropriação!. In: MEZZADRI, F. M.; CAVICHIOLLI, F. R.; SOUZA, D. L. de. **Esporte e lazer:** subsídios para o desenvolvimento e a gestão de políticas públicas. Jundiaí: Fontoura, 2006. p. 61-74.

ROJEK, C. **Abnormal Leisure and Normalization** (Chapter 32). Routledge Handbool of Leisure Studies. Edited by Tony Blackshaw. London, 2013.

ROJEK, Chris. O lado Obscuro do Lazer: Formas Anormais. In: FORTINI, J.L.M.; GOMES, C.L.; ELIZALDE, R. (Org.). Desafios e perspectivas da educação para o lazer / Desafíos y perspectivas de la educación para el ocio / Challenges and Prospects of Education for leisure. Belo Horizonte: Editorial SESC/Otium, 2011. p. 137-148.

RODRIGUES, T. **Guerra às drogas, ainda e sempre?** <<http://enecos.org/guerra-as-drogas-ainda-e-sempre/>> acesso em: 04/03/2015.

ROLNIK, R. **O que é cidade.** 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Coleção primeiros passos).

SANTOS, M. **O espaço geográfico como categoria filosófica.** Terra Livre, n° 05. São Paulo: AGB, 1988.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado:** fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 6 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SENNETT, R. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Tradução Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

SILVA, A. M. DAMIANI, I.R. **Práticas Corporais**: gênese de um movimento investigativo em Educação Física. Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, 2005. 3v. : il. 100p.

TUAN. Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

APÊNDICES

APÊNDICE A
ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS
FREQUENTADORES DO PARQUE BACACHERI

Nº da entrevista: _____

Data: ____/____/____ Horário: _____

Local: _____

Idade: _____

Sexo: _____

Nível de Escolaridade: _____

Profissão: _____

1. Há quanto tempo você frequenta o parque?
2. Quantos dias você costuma vir?
 - () Todos os dias
 - () até 2 vezes por semana
 - () até 4 vezes por semana
 - () Apenas nos dias de semana
 - () Apenas nos finais de semana
3. Por que você escolheu o Parque Bacacheri para frequentar? Quais os motivos que levam você a frequentar este espaço?
4. O que você geralmente costuma fazer aqui?
5. Quando você frequenta este espaço, vem acompanhado? Se sim, por quem? Realizam as vivências de lazer ou atividade física juntos?
6. Você se encontra com alguma pessoa conhecida neste espaço?
7. Você acredita que frequentar este espaço é importante? Por quê?
8. Este espaço é significativo para você? Por quê?
9. Existe algo que você não aprecia no Parque Bacacheri? Se sim, o quê?
10. E o que você mais aprecia aqui?
 - () Beleza do espaço
 - () Estrutura
 - () As pessoas que frequentam

- () As opções que o espaço oferece
- () Estacionamento
- () Segurança
- () A distância para sua residência
- () Programas de Esporte/Lazer. Qual(is)?
- () Outros: _____

Especifique

11. Você sente alguma diferença física ou emocional desde que começou a frequentar o parque?
 - () Sim. Especifique:
 - () Não. Especifique
12. Qual sua sugestão de melhoria para este espaço?
13. O que você pensa sobre o assunto da maconha e o uso dela nos espaços do parque?
14. Você já viu ou conhece alguém que fuma maconha no Parque Bacacheri?
15. Se sim, esse fato te incomoda ou interfere no seu jeito de se apropriar do parque?
16. Porque você acha que essas pessoas escolhem o espaço público/parque para fumar maconha?
17. O que você pensa que poderia ser feito quanto ao uso da maconha no parque?

APÊNDICE B
ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS
FREQUENTADORES DO PARQUE BACACHERI ADEPTOS AO USO DA
MACONHA

Nº da entrevista: _____

Data: ____/____/____ Horário: _____

Local: _____

Idade: _____

Sexo: _____

Nível de Escolaridade: _____

Profissão: _____

1. Há quanto tempo você frequenta o parque?
2. Quantos dias você costuma vir?
 - () Todos os dias
 - () até 2 vezes por semana
 - () até 4 vezes por semana
 - () Apenas nos dias de semana
 - () Apenas nos finais de semana
3. Por que você escolheu o Parque Bacacheri para frequentar? Quais os motivos que levam você a frequentar este espaço?
4. O que você geralmente costuma fazer aqui?
5. Quando você frequenta este espaço, vem acompanhado? Se sim, por quem? Realizam as vivências de lazer ou atividade física juntos?
6. Você se encontra com alguma pessoa conhecida neste espaço?
7. Você acredita que frequentar este espaço é importante? Por quê?
8. Este espaço é significativo para você? Por quê?
9. Existe algo que você não aprecia no Parque Bacacheri? Se sim, o quê?
10. E o que você mais aprecia aqui?
 - () Beleza do espaço
 - () Estrutura
 - () As pessoas que frequentam

- () As opções que o espaço oferece
- () Estacionamento
- () Segurança
- () A distância para sua residência
- () Programas de Esporte/Lazer. Qual(is)?
- () Outros: _____

Especifique

11. Você sente alguma diferença física ou emocional desde que começou a frequentar o parque?
 - () Sim. Especifique:
 - () Não. Especifique
12. Qual sua sugestão de melhoria para este espaço?
13. O que você pensa sobre o assunto da maconha e o uso da maconha nos espaços do parque?
14. Você acha que o uso da maconha nos espaços do parque incomoda ou interfere no jeito das outras pessoas se apropriarem do parque?
15. Porque você escolhe o espaço público/parque para fumar maconha?
16. O que você pensa que poderia ser feito quanto ao uso da maconha no parque?
17. O que você pensa sobre a descriminalização ou a legalização da maconha?

APÊNDICE C
ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM UM ADEPTO AO
USO DA MACONHA

Nº da entrevista: _____

Data: ____/____/____ Horário: _____

Local: _____

Idade: _____

Sexo: _____

Nível de Escolaridade: _____

Profissão: _____

1. Você é adepto ao uso da maconha a quanto tempo?
2. O que você pensa sobre o assunto da maconha e o uso dela nos espaços públicos da cidade?
3. Você acha que o uso da maconha nos espaços públicos incomoda ou interfere no jeito das outras pessoas se apropriarem?
4. Porque você escolhe o espaço público para fumar maconha?
5. O que você pensa que poderia ser feito quanto ao uso da maconha nos espaços públicos?
6. O que você pensa sobre a descriminalização ou a legalização da maconha?

APÊNDICE D

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Dia: _____ Horário: _____

Local: () Academia ao ar livre () Pista de Cooper () Playground ()
Gramado

() Quadras () Outro: _____

Descrição:

- 1) Estado de conservação do parque/calçadão em geral:
- 2) Sistema de segurança:
- 3) Horário de funcionamento:
- 4) Manutenção dos equipamentos:
- 5) Iluminação:
- 6) Limpeza:
- 7) Funcionários do parque:

Acessibilidade:

- 8) Localização:
- 9) Ponto de ônibus:
- 10) Estacionamento:
- 11) Banheiro:
- 12) Bebedouro:
- 13) Torneira:
- 14) Bancos e/ou mesas:
- 15) Lanchonetes:

Estrutura Física:

- 16) Áreas para vivências de lazer:
- 17) Áreas para prática de atividade física:
- 18) Espaço verde:
- 19) Atratividade da estrutura física:

Usuários:

20) Atividades desenvolvidas:

21) Gênero:

22) Faixa etária:

Outras informações:

APÊNDICE E

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nós, Gabriela Cardoso Machado e Simone Aparecida Rechia Ferreira, pesquisadoras da Universidade Federal do Paraná, convidamos você a participar do estudo intitulado “O PARQUE BACACHERI E SEUS ARRANJOS SOCIAIS: A RELAÇÃO ENTRE O LAZER E O USO DA MACONHA”.

O objetivo desta pesquisa será Identificar quais as possíveis influências que práticas ilícitas, especialmente o uso da maconha, em meio à rotina de atividades do Parque Bacacheri, podem causar na apropriação desses espaços. Para tanto, o trabalho propõe descrever o Parque Bacacheri, seus espaços de Lazer e suas práticas desenvolvidas; identificar a ocorrências de práticas ilícitas, especialmente o uso da maconha em meio aos espaços do Parque Bacacheri; analisar e relacionar os dados obtidos com a teoria do Lazer Anormal de Chris Rojek; apontar as possíveis consequências e impactos dessas relações.

- a) Caso você participe da pesquisa, será necessário que responda a uma entrevista que terá duração de 20 (vinte) minutos a 40 (quarenta) minutos em momento e local apropriado;
- b) Para tanto, você deverá comparecer no horário e local combinado da entrevista, que poderá ser em um local decidido entre pesquisador e o(a) participante da pesquisa;
- c) Alguns riscos relacionados ao estudo podem ser: ao discorrer sobre o Parque Bacacheri você poderá precisar falar sobre problemas relacionados ao parque e/ou problemas pessoais;
- d) O desenho da pesquisa não possibilitará a obtenção de resultados imediatos. De qualquer forma, os benefícios esperados com essa pesquisa são:

1 – Mostrar quais os possíveis impactos sociais da relação entre os usuários do parque e a ocorrência do uso da maconha, em termos de apropriação do espaço.

2 – Valorizar o lazer enquanto parte da cidadania, e especificamente a apropriação de espaços e equipamentos públicos de lazer.

No entanto, nem sempre você será diretamente beneficiado com o resultado da pesquisa, mas poderá contribuir para o avanço científico.

e) As pesquisadoras Gabriela Cardoso Machado, telefone: (41)3360-4201, celular (41)9671-2495, formada em Licenciatura em Educação Física pela UFPR e atual mestranda em Educação Física de e-mail: gabrielacardosomachado@gmail.com e sua orientadora Simone Aparecida Rechia de telefone (41)3360-4329 e e-mail: simone@ufpr.br, responsáveis por este estudo poderão ser contatadas no Departamento de Educação Física, localizado na Rua Coração de Maria, 92-BR 116, km 95, Jardim Botânico, Curitiba - Paraná CEP: 80210-132 em horário comercial, para esclarecer eventuais dúvidas que (o Sr., a Sra. , ou você) possa ter, assim como fornecer-lhe as informações que desejar, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.

k) A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido assinado. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Rubricas:

Participante da Pesquisa e /ou responsável legal _____

Pesquisador Responsável _____

Orientador _____ Orientado _____

l) As informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas por uma pessoa autorizada (Professora Simone Aparecida Rechia Ferreira, orientadora deste estudo). No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a **sua identidade seja preservada e seja mantida a confidencialidade**. A sua entrevista será gravada, respeitando-se completamente o seu anonimato. Tão logo transcrita a entrevista e encerrada a pesquisa o conteúdo será destruído.

m) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e pela sua participação no estudo você não receberá qualquer valor em dinheiro.

n) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.

Eu, _____
_____ li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar e autorizo a divulgação e a publicação em periódicos, revistas bem como apresentação em congressos, workshop e quaisquer eventos de caráter científico. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem que esta decisão me afete de qualquer modo.

Rubricas:

Participante da Pesquisa e /ou responsável legal _____

Pesquisador Responsável _____

Orientador _____ Orientado _____

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

(Assinatura do participante de pesquisa ou responsável legal)

Local e data

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE F

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

HOSPITAL DO
TRABALHADOR/SES/PR



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O USO DA MACONHA COMO PRÁTICA RECREATIVA E A TEORIA DO LAZER ANORMAL: UM RECORTE DO COTIDIANO DOS ESPAÇOS DE LAZER DO PARQUE GENERAL IBERÊ DE MATTOS (PARQUE BACACHERI) CURITIBA-PR

Pesquisador: GABRIELA CARDOSO MACHADO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 49493715.2.0000.5225

Instituição Proponente: hospital do trabalhador

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.312.883

Apresentação do Projeto:

Em conformidade.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivos claros e coerentes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não apresenta riscos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A quantidade de 50 entrevista pode tornar a análise extremamente complexa ou mesmo inviável. Foi considerado o tempo de cada entrevista? o tempo para a transcrição das entrevistas?

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos conformidade!

Recomendações:

Recomendo que diminua a quantidade da amostragem para aprofundar mais a análise dos dados obtidos na coleta dos dados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Nenhuma pendência.

Endereço: Avenida República Argentina nº 4406 - Bloco Centro de Estudos

Bairro: Novo Mundo

CEP: 81.050-000

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3212-5871

E-mail: cepht@sesa.pr.gov.br

HOSPITAL DO TRABALHADOR/SES/PR



Continuação do Parecer: 1.312.883

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_529395.pdf	23/09/2015 16:04:57		Aceito
Folha de Rosto	folha de rosto 3-8-15.PDF	03/08/2015 14:24:26		Aceito
Outros	Anuência - Secretaria Estadual anti drogas.PDF	30/06/2015 08:33:47		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto Detalhado - Gabriela.pdf	09/06/2015 15:51:25		Aceito
Outros	declaração Orientador.PDF	09/06/2015 15:43:33		Aceito
Outros	projeto número.PDF	09/06/2015 15:43:06		Aceito
Outros	Formulario 6 - Exame de Qualificacao Gabriela.pdf	09/06/2015 15:37:44		Aceito
Outros	PARECER GABRIELA UFPR.pdf	09/06/2015 15:37:05		Aceito
Outros	Extrato da ATA 145ª Homologa Gabriela Cardoso Machado.pdf	09/06/2015 15:34:05		Aceito
Outros	of 082 Encaminha Comite de Etica - Gabriela Cardoso Machado.pdf	09/06/2015 15:33:32		Aceito
Outros	Roteiro de entrevista e observação - Gabriela.pdf	09/06/2015 11:19:28		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo livre esclarecido - Gabriela.pdf	09/06/2015 11:14:48		Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Avenida República Argentina nº 4406 - Bloco Centro de Estudos

Bairro: Novo Mundo

CEP: 81.050-000

UF: PR **Município:** CURITIBA

Telefone: (41)3212-5871

E-mail: cepht@sesa.pr.gov.br

HOSPITAL DO
TRABALHADOR/SES/PR



Continuação do Parecer: 1.312.883

CURITIBA, 08 de Novembro de 2015

Assinado por:
adonis nasr
(Coordenador)

Endereço: Avenida República Argentina nº 4406 - Bloco Centro de Estudos

Bairro: Novo Mundo

CEP: 81.050-000

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3212-5871

E-mail: cepht@sesa.pr.gov.br